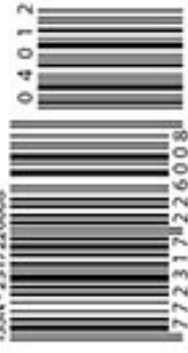


editora  
**medusa**

ISSN - 2317-2260/08



0 4 0 1 2

9 772317-226008

bolice

dezembro - janeiro - fevereiro - 2013/14

4

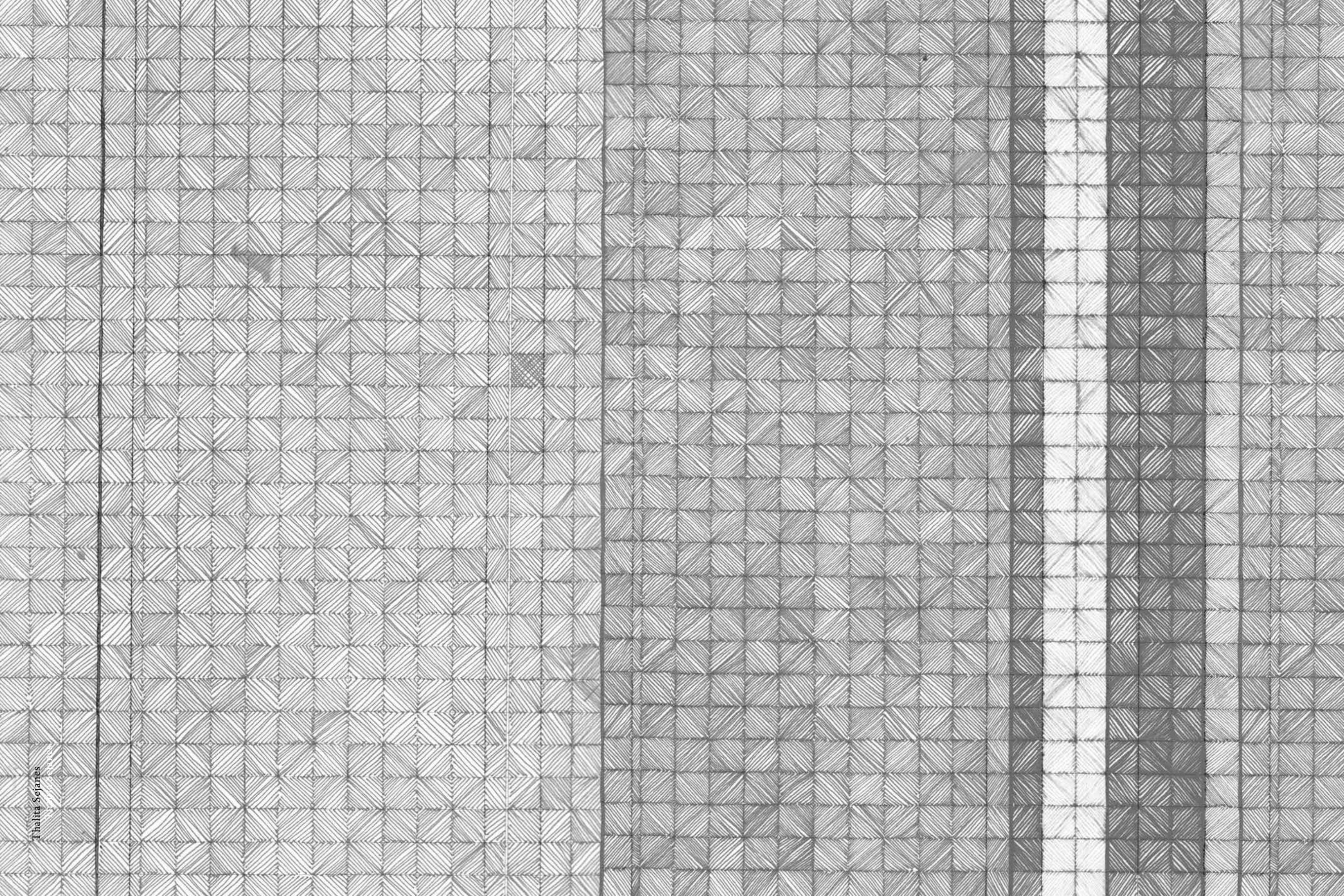
bolice

revista de literatura e arte

sbilobolice

.....Thalita Sejanos ..... capa, 4, 62, 76	
.....Maira Dietrich ..... 6	
.....Leonarda Glück .....12	
.....Cristiane Bouger ..... 16	
.....Aline Dias ..... 20	
.....Juan L. Ortiz - tradução Ricardo Corona ..... 26	
.....Alex Hamburger ..... 46, 47, 53, 61, 70, 78	
.....Claudio Parmiggiani - tradução Joana Corona ..... 32	
.....Mar Becker ..... 34	
.....Simara Ramos ..... 38	
.....Eduardo Jorge ..... 42	
.....Karen Debréttolis ..... 48	
.....Davi Pessoa Carneiro ..... 54	
.....Nina Rizzi ..... 64	
.....Júlia de Carvalho Hansen ..... 71, 79	
.....Paulo Reis ..... 84	
.....Cristiano Moreira ..... 88	
.....Biografias ..... 92	
.....Expediente ..... 94	
.....Carlos Augusto Lima ..... 96	





aqui, neste lugar

1

2

3

4

1 2 3 4 4 3 2 1

4

aqui, neste lugar

3

2

aqui, neste lugar

1

aqui, neste lugar

1  
aqui, neste lugar

2

3

4

1 (linha 1) 3 4 4 3 2 1  
2 (linha 2) (linha 3) (linha 6)

(linhas 9-11)

4

3

2  
aqui, neste lugar

1

aqui, neste lugar

Imolação

A -

B -

B - onde se lhes

A -

A -  
em branco

A -

A - <sup>(do</sup>  
[ou talvez nada disso]  
que não é mais língua)

B -

trato. tétspajko.

B -

A -

B -

Reivindico mi derecho a ser un monstruo.

livre e fel.

A -

sem-  
siste-  
or-  
possi-  
es-  
interpre-  
ha-  
confe-  
supe-  
mul-  
car-  
es-  
acumu-  
barbo-  
lá-  
finalmen-

se-  
subs-  
italia-  
ho-  
deli-  
dis-

Neste  
poema  
totem

sam-  
ques-  
li-  
algu-  
majes-

Alfa Beta Gama Letra

No reto, a gostosa lembrança do escuro, vácuo existencial em ampliada plenitude

O submundo algodado do calor que não cessa

O último grasnido do tango argentino incólume ainda na ponta dos ouvidos, a nota derradeira e intensa

A terceirização dos afetos primevos em tempos de liberdade tecnológica extrema.

No cais do porto eu me despeço do último marinheiro estrangeiro: a gravata rasgada, os sonhos de uma família dilacerados na negra tinta da tatuagem dolorida, e na carne fincada feito faca forte eu me despeço.

O abraço das adúlteras chorosas pela numerosa possibilidade do amor reconstituído, cristalizado na esfera do incognoscível desejo de sonhar eternamente com algures vindouros

Te dou a sopa, te aqueço a alma fraca e te lanço pragas sutis de cozinha



Lavo a roupa, amo a decadência da mãe-pai, como a comida ressecada dos anos

E é nessa pequena notoriedade local que encontro em mim a boca que realmente quer falar sem freios, sem pejo nem maneirismos barrocos

É do amor e da guerra meu coração feito, meus sonhos arruinados e minha prole alimentada. Cedo a massa fraca que empacota meus ossos ao futuro interconectado, às prisões virtuais de quem conferiu poder à preguiça terrena e ainda assim sentiu prazer na ponta dos dedos, na ponta da língua de outrem

Sorvo cada gota dessa vida que começa e termina em mim em ato único, no doce buraco fértil de terra branca que ponho à prova

Que em mim ocupa o lugar dos deuses e mitos de uma geração envenenada pela eletricidade defasada

Serei a gloriosa mãe dos teus filhos fracos.



### Com o relho no lombo de mulher

“Oh, querido meu, só te direi que o amo se me estourares o rabo até a última prega”, foi a resposta que me ocorreu em meio ao estardalhaço dos metais, à produção em série dos carros, ao alongamento a que o corpo masculino recorre diante da falta de trégua da natureza. Apenas em pensamento, enquanto como ação física o homem já me arrancava as roupas a dentadas e rasgações, socou-me a cara com o pênis ereto e viril, que esfregou com violência nos bicos dos seios endurecidos, acompanhou o tesão que produzia bem de perto com socos, tapas e mordidas que já faziam a existência desfibrilar. Eu pensava nas amigas feministas e na cultura do estupro enquanto era varada pela caceta animal em pleno vigor e abundância terrenos, e dava risada entre uma contração muscular e outra, quase desfalecida da parafernália da reprodução que queimava no meio das minhas pernas, não reconhecia borda alguma, entrava e saía à minha revelia para, ao final, cuspir a porra vital sem sinal algum de agradecimento. Trememente, pensei em fugir. Mas não poderia, aquilo se repetiria, era sina, era para o que viera, disse a que veio. Veio pro beijo socado com angústia, a mão espalmada nas nádegas brancas, firmes e frágeis, o relho no lombo de mulher. O sexo xamânico transcendental, a piada pronta, o grito de rebeldia deveria permanecer contido provisoriamente. Quando estourasse, todos saberiam o que é o amor.

Ela pensa em dinamite. Pensa no extremo oriente. Em dois únicos cogumelos explosivos, o norte e o sul, como lhe havia dito uma vez o avô desdentado: dentes de quem picota couve. Ordena ao professor que se retire, não há ali espaço para mais nenhuma explicação. O exercício acabara, toda a filosofia aflita acabara. Sim, a cueca está arreada. Por um canto, a cabeça do pau mole que escapa. Contínuo, o pau da moça é róseo e combina em gradientes de cor com todas as suas mucosas corporais. Provocam encanto, fascínio, atenção redobrada e tensão. Um tapa havia estalado ali perto, na dobra mortiça, folha dourada mortuária em encantos de Morfeu. Mas ela havia se queixado da cansativa argumentação falha e espúria, porém espirituosa, coisa de quem manda, coisa de quem obedece, classes em luta e tudo o mais, o verde oliva de uns olhinhos miúdos repuxados nos cantos pela pouca idade emocional do pai que já envereda pelo ridículo. De dentro do cóccix, um dia, ali, naquela casinha de porta e muro brancos, eu serei feliz, havia dito o professor malandro, malemolente, reboativo e um pouco bicha demais, apesar de sexualmente fluente. A rapariga, batizada pela amiga portuguesa sem bigodes, ficou sem graça, fugiu do assunto, mordeu a isca, mentiu a fita, pediu a dica e arriscou: “um dia eu já fui, sabia? espalhafatosa como eu, sempre à beira de uma certa marafonaria avançada, quase congênita e, apesar de censurada, censurável, reprimida e adorada e confundida, fui amada, sim. Em qualquer canto aí desses dos quatro do mundo, eu fui amada.” Ele não devolveu a atenção. Pagou e já estava pensando na esposa em casa, com quem tanto brigava, nas malandrices das namoradas criminosas de seu passado ingrato. Não ouvia mais sua voz, seu corpo. Pensativo e resfolegante, divertia-se com as entrelinhas burlescas da discussão sem volta. Em algum recôndito ardido de sua memória podia ouvir-se, lenta e pausadamente: “nós somos o encontro de duas tristezas”, acendeu um cigarro e fumou, como se fumando apagassem o próprio filho que cresceria sem orgulho de um pai-mãe tão repetitivo em seu papel social.

Tesa

no escuro  
intransigência molhada  
em seu pelo.  
silenciosa ordem  
e não apelo,  
púbico encaixe  
na arquitetura óssea-tesa.

Orloj

A inscrição na pedra  
furtiva e oblíqua

desliza

Suporte bruto seduz  
a mão que desenha a linha  
Pedra-monumento  
linha, não mais passagem

Curvilíneo, o grafismo

marginal

pertence agora ao tempo  
no corpo da pedra

Nela resiste  
persiste  
e se deita

Grafia topográfica  
- assimétrica e macia -

E a pedra,  
a sustentar o tempo  
no corpo da linha.

## Cartográfica

Ah, esta travessia de memórias  
dilatadas  
no inusitado das horas!

intervalo entre  
geografias oblíquas  
deixa vazar em latitude  
longínqua  
-----  
o cheiro do café de casa  
o miado de Yanka  
o alvoroço de pássaros  
despertando em horas nítidas  
-vem do verde passeio a algazarra  
cruzando o vácuo do meu sono  
enquanto a luz  
no travesseiro, brinca-

neste tecido-pele, fino espaço.

temporalidades cambiáveis  
de tantos que trago  
para despertar em outro fuso

[e ao ofuscar-me em neons  
e no cheiro de nozes  
reverto a sintaxe no eco da noite  
enquanto lenta,  
transfere-se a luminosidade  
para acordar o dia  
apressado  
pela pressa do costume]

suas ruas, insistentes  
transversalizam-se em mim  
sou mapa de seus contornos e afetos  
eco alargado de suas paisagens, sou  
da neve sua que não vi  
do que o meu pai refletiu  
em seus olhos  
ao findar a tarde cinza

em dias distraídos assim  
sua presença  
passeia na tessitura das minha horas

.  
. .  
. .  
. .

escapa  
para preencher de raízes  
o que em mim observa



## *Lição de casa, museus*

Nos museus italianos, na maioria deles, os estudantes de artes têm entrada gratuita desde que apresentem um comprovante de vínculo com uma universidade europeia no ano letivo corrente.

No guichê de venda dos ingressos e na entrada na galeria do Centro de Cultura Contemporânea Strozzi, as duas atendentes, esforçando-se para falar gentil e claramente um inglês improvisado, informam-me que na exposição há trabalhos com imagens impróprias para crianças: em um dos vídeos, uma artista bamboleia com um bambolê de arame farpado numa praia.

Na galeria Uffizi vimos mais de 20 pinturas de cenas de crucificação e no Museu de San Marco, 19. Numa das imagens, havia um anjo que recolhia em um recipiente o sangue que jorrava das chagas do Cristo. Vimos vários martírios e cabeça degoladas também, mas não as contei.

Segui um casal jovem, oriental. Tinham movimentos ágeis. Paravam e falavam baixinho e gesticulavam muito diante de uma mesma obra. Sentavam nos bancos dos corredores e conversavam. Depois levantavam e com seus passos rápidos entravam em outras salas. Passavam bastante tempo olhando algumas das obras. Consultavam guias impressos. Ela ouvia o áudio-guia e às vezes o chamava para ouvir junto certo trecho.

Uma pessoa respira do meu lado, ou perto de mim, quase sempre, enquanto eu olho cada pintura.

Quando vi pela primeira vez a pintura do boi esfolado do Rembrandt é que eu vi a mulher atrás, no plano de fundo. Não acreditei que eu pudesse tê-la ignorado por

tanto tempo, que pudesse nunca tê-la notado, tendo visto tantas reproduções da pintura em livros e na tela do computador. Tive certeza de que ela apareceu para mim naquela hora.

Adília Lopes escreve que quando andamos num museu podemos nos esquecer de que as pessoas, os visitantes e os funcionários que estão lá conosco, são mais bonitas que as obras. E, roubado de irmã Emmanuelle, escreve: *renúncia às coisas inúteis e partilha*.

Nuno Ramos disse: Giotto é meu.

Passsei muito tempo diante da Anunciação do Fra Angélico. Eu não quero esquecer essa imagem, eu pensava. Uma fragilidade e serenidade que não conhecia tão concentrada. Me perguntava: quanto tempo é preciso olhar para uma pintura para não esquecê-la? Sabia que o tempo do obturador aberto para formar a imagem na câmera fotográfica ou mesmo nessas telas grandes de tablets que os turistas usam tanto aqui não é o tempo necessário para não esquecer, para manter a imagem por dentro, a ponto de ser capaz de vê-la de olhos fechados.

Eu preciso estar aqui para vê-la, eu pensei. Eu comprei um postal, mas sei que precisei estar lá, que não posso levar uma imagem que foi feita misturando o pigmento com a própria constituição da parede. Eu sei que existem técnicas de retirar o afresco e torná-lo portátil. Sei que podem levar uma parede inteira, seja de uma igreja ou de um muro da cidade de Santo Antônio de Jesus, ao Recôncavo baiano. Mas não o fizeram, pensei, e a pintura está aqui e eu estou aqui agora.

Fico tentando escutar o que as pessoas falam, tento entender o que comentam e explicam umas para as outras sobre as pinturas. Não o que escutam dos guias, dos áudio-guias, dos folhetos de sala, dos guias de turismo, dos professores, dos mediadores de grupos de excursão ou do serviço educativo do museu. Fico tentando escutar o que as pessoas sabem, o que falam sem supervisão, mediação ou orientação direta. Na maioria das vezes, falam em outros idiomas e não entendo quase nada.

Duas mulheres veem a exposição. Uma delas mostra algo, aponta para um canto da pintura. Os gestos são bonitos, de alguma forma precisos e lentos, não sei descrever. A outra mulher escuta, inclina um pouco a cabeça, aproximando-se da outra. Ela observa e às vezes balança a cabeça, por um momento franze a testa. Depois as duas mulheres sorriem, sem se olhar. Fazem silêncio juntas e depois voltam a caminhar em direção às outras pinturas.

Não estava escrito no livro do Gombrich nem o do Janson que essa pintura ficava no canto da parede de um corredor, no segundo piso. Que é visível a partir do segundo lance da escada, no alto, como uma aparição. Nos livros, o tamanho da pintura vem normalmente registrado na legenda, e a imagem que a reproduz cabe com folga numa folha A5.

O que se anda num museu não é nunca a distância de uma extremidade a outra, mas o perímetro de cada uma das salas.

Eu observo muito os seguranças. Vejo que eles mandam mensagem nos celulares, leem livros, fazem palavras cruzadas e conversam com os outros seguranças.

Escrevi num postal que me sentia fazendo uma lição de casa atrasada, e que tentava tirar partido do atraso, do tempo de espera e de desejo de ver essas pinturas.

Vi, de costas, pelo reflexo no vidro, no alto da escada, olhando a pintura, um senhor que sorriu.

Tento explicar que os personagens das histórias dos santinhos machucadinhos não interagem com os heróis das histórias dos gregos e que esses heróis não são bem os mesmos dos desenhos na sandália dela.

Paula Pasta disse que as obras do Masp, durante muito tempo, foram para ele *uma*

*espécie de prova da existência da pintura, ou melhor, ajudaram-me a dar realidade à pintura.*

O que é aquela caixa? O que as pessoas fazem ali em volta? Pensei no Didi-Huberman enquanto respondia às perguntas da minha filha de 3 anos sobre o vazio da sepultura do cristo ressuscitado.

O sentido de fazer uma visita, como se visita uma pessoa.

Na frente de uma pintura do Malevich havia uma etiqueta educativa que falava de ciberespaço.

Estátua. Eu disse estátua, não pode se mexer.

E ele?

O papai? Ele é um desenho. Ele também não se mexe.

E tu?

Eu sou uma mulher olhando num museu. Eu posso me mexer. Ei, não pode se mexer, mamãe.

Eu sou um vídeo, agora, Irene.

Ah tá.

Um filme da Tacita Dean, com uma cadeira pesada de madeira. Uma só cadeira diante da tela pequena e do projetor. Numa exposição que recebeu 475 000 visitantes. O desejo de um para um. Sentar e ver um desenho que não se deixa ver todo.

## UMA POESIA DO FUTURO

Tradução e apresentação Ricardo Corona

Juan Laurentino Ortiz – ou simplesmente Juanele – nasceu em 1896 em Puerto Ruiz, povoado de Gualaguay, província de Entre Ríos. Aos 17 anos ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires, onde conheceu alguns poetas e chegou a ser publicado em revistas. Fez uma insólita e rápida viagem a Marselha em um navio cargueiro, antes de, aos 20 anos, voltar a Gualaguay para ali viver até se aposentar, em 1942 e mudar-se para a cidade de Paraná, em uma casa em frente ao rio, onde viveu até a sua morte, em 1978. Saiu raras vezes de Paraná para realizar conferências em Santa Fé ou Buenos Aires e fez uma viagem de dois meses pela Europa Oriental e China, nos anos 1950. Mas estava conectado com a poesia feita no mundo, traduzindo, entre outros, Ungaretti, Éluard, Pound e vários poetas chineses.

Em 1970, a Editorial Biblioteca de Rosario publicou *En el aura del sauce*, antologia em três volumes de todos os seus livros, feitos sempre em pequenas tiragens e em edições do autor: *El agua y la noche* (1933), *El alba sube* (1937), *El ángel inclinado* (1938), *La rama hacia el este* (1940), *El álamo y el viento* (1947), *El aire conmovido* (1949), *La mano infinita* (1951), *La brisa profunda* (1954), *El alma y las colinas* (1956), *De las raíces y del cielo* (1958) e *El junco y la corriente* – este último feito a partir da viagem pelo Oriente e preparado pelo autor especialmente para a antologia. Embora esta antologia tenha contribuído para que a sua poesia saísse do círculo restrito dos amigos poetas e especialistas, parte significativa da tiragem foi apreendida e queimada pelo regime militar argentino. Somente em 1996 a Universidad Nacional del Litoral, de Santa Fé, publicou o volume *Obra completa*, organizado por Sergio Delgado, que incluiu poemas inéditos, cartas, ensaios do autor e uma fortuna crítica.

De tal modo Juanele viveu fascinado com os movimentos mínimos da paisagem que inventou “uma lírica consubstanciada com a natureza, tendente ao sussurro, ao balbucio, com uma sintaxe lânguida e mimetizada com o fluir da água”, nas palavras de César Aira, em texto de apresentação de *Una poesía del futuro* (Mansalva, 2008), livro de entrevistas com o poeta, organizado por Osvaldo Aguirre. Mas antes de uma poesia regionalista, uma ecopoesia, tal é a força da experiência de “pura presença, de um quase resplendor, sem forma, ou a poesia muito fluida e aérea dos estados interiores – harmonia ou visão”, conforme o próprio Juanele testemunhou em carta a um amigo. Assim como Bonnefoy e Ponge, Juanele queria a poesia como possibilidade de esperança: “a poesia não pertence a ninguém ou é de todos”, escreveu em “Mi experiencia”, prólogo de *Una poesía del futuro*. Havia algo mais neste homem delicado, de vida humilde, com hábitos eremitas, que amava o imperceptível. Tamara Kamenszain, em 1973, após voltar de Paraná, onde havia entrevistado o poeta (entrevista publicada no mesmo ano no jornal *Clarín*), confidenciou a Arturo Carrera (relatado em *Ensayos murmurados*, Mansalva, 2009) que Juanele havia demorado para atendê-la. Quando finalmente apareceu para a entrevista, desculpara-se dizendo que estava se penteando, que estava arrumando cuidadosamente os fios de seu cabelo para que obtivessem uma consistência de espuma, “para que o ar fluísse mais entre os fios” e assim pudessem gozar como gozam as folhas e o talos das plantas.

## DIA GRIS

O que nos indaga o vago  
horizonte que vem  
à nossa melancolia  
pleno de gestos molhados  
— feito fantasma que  
absorve os arvoredos  
e nos inverte o lírio  
úmido e sozinho de alma?

De *El agua y a la noche* (1924-1932)

DÍA GRIS/¿Qué nos pregunta  
el vago/horizonte que se viene/a  
nuestra melancolía/lleño de gestos  
mojados/—tendido fantasma que/  
absorbe las arboledas/y nos invierte el  
lírio/húmedo y solo del alma?



## FUI AO RIO...

Fui ao rio, e o sentia  
perto de mim, em minha frente.  
Os ramos tinham vozes  
que não chegavam até mim.  
A correnteza dizia  
coisas que não entendia.  
Quase me angustiava.  
Queria compreendê-lo,  
sentir nele o que dizia o céu vago e pálido  
com suas primeiras sílabas alongadas,  
mas não conseguia.

Voltava  
— Era eu quem voltava? —  
na angústia vaga  
de sentir-me sozinho entre as últimas e secretas coisas.  
De repente senti o rio em mim,  
corria em mim  
com suas margens trêmulas de sinais,  
com seus reflexos fundos, apenas estrelados.  
Corria o rio em mim com suas ramagens.  
Eu era um rio no anoitecer,  
e suspiravam em mim as árvores,  
e a vereda e as ervas se apagavam em mim.  
Atravessava-me um rio, atravessava-me um rio!

De *El ángel inclinado* (1937)

FUI AL RÍO.../Fui al río, y lo sentía/cerca de mí, enfrente de mí./Las ramas tenían voces/que no llegaban hasta mí./La corriente decía/cosas que no entendía./Me angustiaba casi./Quería comprenderlo,/sentir qué decía el cielo vago y pálido en él con sus primeras sílabas alargadas,/pero no podía./Regresaba/—¿Era yo el que regresaba?—/en la angustia vaga/de sentirme solo entre las cosas últimas y secretas./De pronto sentí el río en mí,/corría en mí/con sus orillas trémulas de señas,/con sus hondos reflejos apenas estrelados./Corría el río en mí con sus ramajes./Era yo un río en el anochecer,/y suspiraban en mí los árboles,/y el sendero y las hierbas se apagaban en mí./Me atravesaba un río, me atravesaba un río!

## NAS GARGANTAS DE YAN-TSÉ

O que ouviu Tou-Fou, o que ouviu  
nestes silêncios que não deixam de subir e, ao cair,  
fluídos de íris,  
assim,  
apesar de seu espanto sem tempo?

Sentiu, somente, como Li Tai-Po, que se acendiam uns gritos por aí?

E a vertigem da pedra,  
e a vertigem da angústia

que de improviso não aceita sequer a sua agonia,

de palha,

esvoaçando, quase invisível,

num junco...

que nem isso admite para perder-se, para perder-se, em seguida, em um sem limite  
de angústia ... ou de névoa?

De *El junco y la corriente* (1970)

EN LAS GARGANTAS DEL YAN-TSÉ/Qué oyó Tou-Fou, qué oyó/en estos silencios que no dejan de subir y a la vez de caer, /fluidos de iris, /así, /a pesar de su espanto sin tiempo?//Sintió, solamente, como Li-Tai-Pé, que se prendían unos gritos por ahí?/Y el vértigo de la piedra, /y el vórtice de la angustia /que no admite, de improviso, ni siquiera su agonia, /de paja, /aleteando, invisiblemente, casi, /en un junco... /que no admite ni eso para perderse, para perderse, en seguida, en un sin limite/de congoja ... o de niebla?

## PARA QUE OS HOMENS...

Para que os homens não tenham vergonha da beleza das flores,  
para que as coisas sejam elas mesmas: formas sensíveis ou profundas  
da unidade ou espelhos de nosso esforço  
por penetrar o mundo,  
com semblante emocionado e passageiro de nossos sonhos,  
ou a harmonia de nossa paz na solidão de nosso pensamento,  
para que possamos olhar e tocar sem pudor  
as flores, sim, todas as flores,  
e sejamos iguais a nós mesmos na delicada irmandade,  
para que as coisas não sejam mercadorias,  
e se abra como uma flor toda a nobreza do homem:  
iremos todos ao nosso limite extremo,  
nos perderemos na hora do dom com o sorriso  
anônimo e certo de uma semente na noite da terra.

*De La rama hacia el este (1940)*

PARA QUE LOS HOMBRES.../Para que los hombres no tengan vergüenza de la belleza de las flores,/ para que las cosas sean ellas mismas: formas sensibles o profundas/de la unidad o espejos de nuestro esfuerzo/por penetrar el mundo,/con el semblante emocionado y pasajero de nuestros sueños,/o la armonía de nuestra paz en la soledad de nuestro pensamiento,/para que podamos mirar y tocar sin pudor/las flores, sí, todas las flores,/y seamos iguales a nosotros mismos en la hermandad delicada,/ para que las cosas no sean mercancías,/y se abra como una flor toda la nobleza del hombre:/iremos todos a nuestro extremo límite,/nos perderemos en la hora del don con la sonrisa/anónima y segura de una simiente en la noche de la tierra.

## LETRA

para "La niña de los cabellos de lino"

Pelos campos vai a menina perdida na felicidade  
amarela. Fada  
dos trigos, alada sobre  
os olhos  
das papoulas e narcisos...

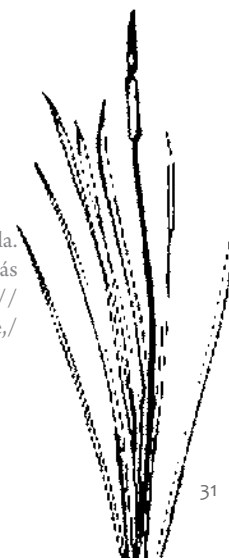
Vai a menina  
com olhos mais leves que o abril do céu...  
Vai a menina,  
vai a menina...

E ela não sabe  
que a tarde será do rio...

Ela não sabe que o esquecimento da nuvem  
sobre a colina eterna  
canta nela silenciosamente doce,  
oh, silenciosamente doce...  
oh, nela, silenciosamente doce  
como o ar...

*De El junco y la corriente (1970)*

LETRA/para "La niña de los cabellos de lino"/Por los campos va la niña perdida en la dicha/amarilla. Hada/de los trigos, alada sobre/los ojos/de las amapolas y los narcisos.../Va la niña/con ojos más ligeros que el abril del cielo.../Va la niña,/va la niña...//Y ella no sabe/que la tarde será del río...// Ella no sabe que el olvido de la nube/sobre la colina eterna/canta en ella silenciosamente dulce,/ oh, dulce silenciosamente.../oh, dulce silenciosamente en ella/como el aire...



*Esculturas de cinzas\**

Têm origem no silêncio, na sombra, na fogueira de verão, nos vapores matutinos, nas nuvens de baunilha sopradas no ar, nas marcas do sol impressas na retina, nos perfis negros dos barcos nas brumas do rio, nos jogos de infância, nos rodopios de pó, em um sino a martelo, no vento, no trovão, no clarão do raio, nos muros tirados das casas, nos lamentosos rosários dos corredores dos hospitais, nas salas operatórias, nas velas portáteis das procissões noturnas, nos funerais, nas camas ardentes, no odor azedo dos vestuários rasgados impregnados de suor, no fumo dos caminhos, do negro-fumo das lâmpadas a petróleo, no fumo das ceras nas igrejas, no incenso queimado, nos xales negros de dor, no cemitério hebraico de Praga, nos sudários, nas montanhas de óculos, de calças, de dentaduras amassadas no campo de Auschwitz, nas feridas nas mãos do meu pai, nas fábulas que me narrava minha mãe, nas cinzas da minha mãe, na escuridão das água-fortes de Rembrandt, na boca de um médium, nas visões de Yeats, no sofrimento dos meus brancos bois metralhados por um avião americano, nos colossos de Memnom, nas colunas de fumo malcheirosas que se elevam no céu de Cairo, no fogo das fornalhas, das páginas de Rilke, na casa do surdo de Goya, no incêndio da minha casa, nos espectros de cinzas contra o muro de Hiroshima, na orelha cortada de Van Gogh, no auto de fé, nas macéras de Stalingrado onde nasci, na poesia de Paul Celan, na luz do Sinai, no sonho, na lama, no sangue, na arte, no nada.

É isso o que elas são.

\* Os dois textos de Claudio Parmiggiani são inéditos no Brasil e foram reunidos recentemente na antologia *Fede in niente ma totale* (Le lettere, Firenze, 2010), organizado por Andrea Cortellessa e com prefácio de Jean-Luc Nancy (“Esculturas de cinzas”, p. 23 e “Monte de ouro”, p. 40). Ambas as narrativas partem de experiências e processos artísticos. Nos anos 1970, Parmiggiani realiza o primeiro Deslocamento, processo que desencadeia uma série de trabalhos realizados com fogo, pó e fumo. Neste momento, tornam-se centrais os temas da ausência e do traço. A tradutora desenvolve sua pesquisa de doutorado a partir da poética de Parmiggiani e vem traduzindo seus poemas e breves ensaios.

*Monte de Ouro*

Visitei Córsega pela primeira vez em 1997 em função de um convite para realizar uma obra.

Durante aquela viagem havia imaginado a seguinte obra: quatro grandes portas de ferro, colocadas na costa e voltadas em direção ao mar, respectivamente ao norte, a leste, ao sul e a oeste da cidade.

Quatro portas como outras tantas estações de um místico circuito em defesa da Córsega.

Voltei ainda, saindo até o alto sul Monte de Ouro, umbigo geográfico e magnético da Córsega.

Lá há a obra que realizei. A marca das minhas mãos, abertas e voltadas em direção ao céu, côncavas, fundidas em ferro e em ouro, embutidas na rocha e secretas na montanha.

Nenhum caminho, nenhuma indicação.

A obra existe antes para os olhos do lugar ao qual pertence.

Teria sido talvez presunçoso querer impor a uma paisagem uma obra ostentosa, contudo antagônica.

Por que não uma obra em negativo ao invés de em positivo?

Um ícone da ausência, uma forma celada, uma sombra leve, um gesto.

Posar as mãos sobre aquele lugar como sobre uma areia macia, nada mais.

Unicamente o sinal silencioso de uma passagem, memória de um olhar voltado um dia, por um momento, àquela terra.

## O LIVRO DAS ABERRAÇÕES

## I

vejo uma hidra com nove tentáculos  
na vitrine,

e nas extremidades de cada um desses tentáculos está a cabeça sobrenatural  
de hebe camargo.

como uma planta psíquica, aquática,

em antibalé de macabrarias slow-motion: seus vaivéns entre as manequins de olhar  
semimorto, de peixe, (perucas em loiro platino), a aura dos brincos, colares e anéis  
imensos, ao sabor dos séculos

e séculos de avareza feminina.

ouço schöenberg ao fundo, erwartung, op. 17.

\*

no banheiro de casa, minha irmã se dá conta de que o corrimento em sua calcinha  
fedea a peixe podre.

(*gardnerella vaginalis*.)

um cão se aproxima e mijá dourado em meus pés.

\*

as cabeças de hebe pesam  
na hidra

e suas bocas idosas se contraem e relaxam repetidamente, como se estivessem  
jogando selinhos ao vento.

vitrine-aquário.

bocas idosas de peixes.

## O LIVRO DAS ABERRAÇÕES

## II

metade corvo. metade antibailarina. salomé dodecafônica, sísmico-siamesa. gêmea  
de si. uma flor de cianureto na garganta. a cabeça de györgy ligeti na bandeja que  
equilibra

com a mão, cuidadosamente

está nua, mas não é possível vê-la. um nevoeiro de moscas e farelo de vidro, isto que  
compõe a linguagem dos homens do século 20

(e a ciência, e os mercados negros, e a memória dos tribais  
nas peles

de ninguém, e os crucifixos  
do andrógino, e as justificativas para a queda da bolsa, e a deposição dos dons, e os  
amores, e os métodos rebuscadíssimos de tempo

tortura)

tudo: tudo envolve seu corpo, como um manto a vapor. chamam-na: súplica. santa  
do assovio careca

[SEM TÍTULO]

quando morrem, as mães deixam um enxame de bocas no mundo: um sem-fim de vultos de vozes que orbitam e sonham em torno dos corpos das filhas.

à noite,  
como se cantassem.

são bocas que lembram halos de sétimo dia ou fendas em fumaça de incenso.

[santo, santo, santo,  
rastilho pubiano, um pântano de pernas  
de filhas

no corredor da missa.]

*“porque este é meu corpo e este é meu sangue”*

durante o inverno as bocas-restos (rastros de mães mortas) crescem, tomam um princípio de vingança e furam os corpos das filhas com a ponta de suas línguas.

entre as pernas.

os nomes sangram, devagar.  
as filhas sangram.

S/A - II

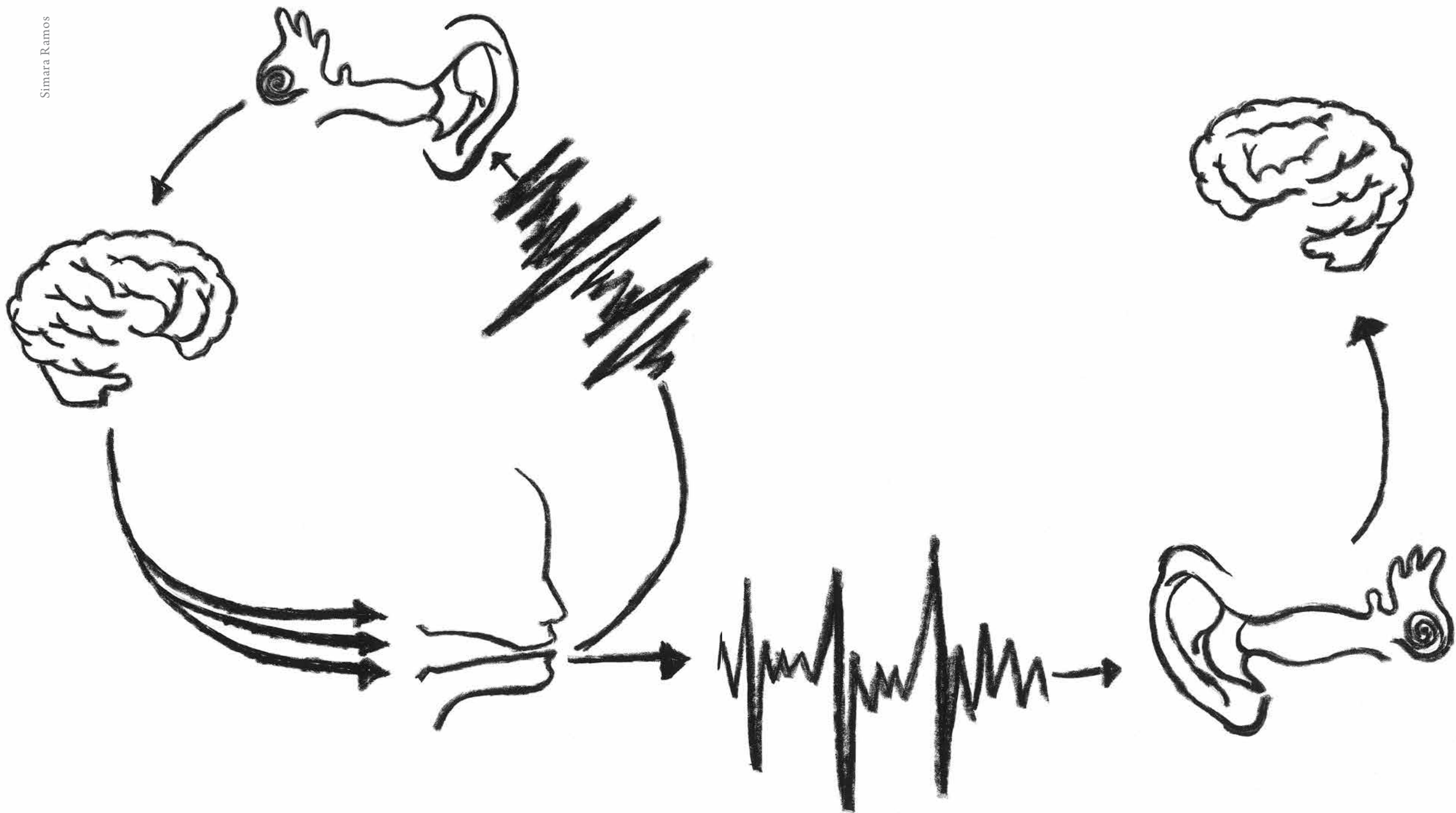
meninos à base d'água. à noite, restos, no rio de suas nomenclaturas. letras que se batem, línguas. (se um peixe sonhasse branco.) palíndromos da falha genital de silvia saint. enigmas free porn. cuida, não corrigem — minha ou tua: língua. apaga-te. meninos batendo boca / lata / punheta, à sombra,

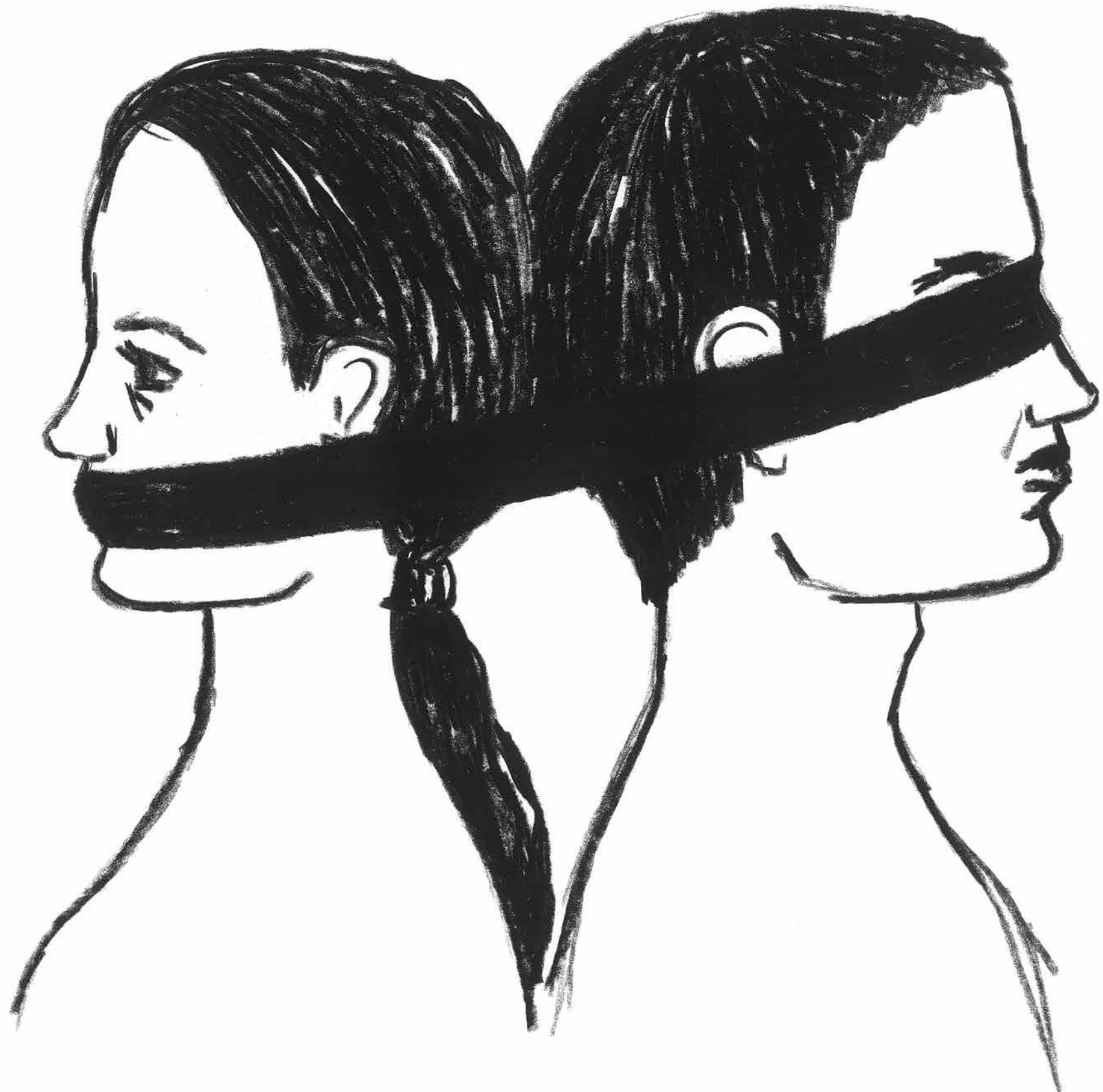
em lugares que se fecham, olhos. como um sonho  
que reflete um outro

sonho: líquido, lácteo.

\*

às vezes você imagina que está no banheiro da escola de sua infância. na porta, o desenho fálico, em líquido corretivo. (a palavra “puta” e o telefone de não se sabe quem.)





Vacas negras, paisagens cegas.

Paisagem cega, (a).

o pasto úmido  
lambe os pés  
de quem atrás  
deixou objetos  
encantados e  
um conjunto  
de eventuais  
mugidos, dejetos.  
o campo úmido  
simula a fuga  
em abismo:  
quantas vezes  
fugir for.  
corpos negros  
em um fundo  
negro: por engano  
ou distração  
o absoluto  
é um limite  
de retina  
pelo qual  
ainda vazam  
brancos  
de vaca.

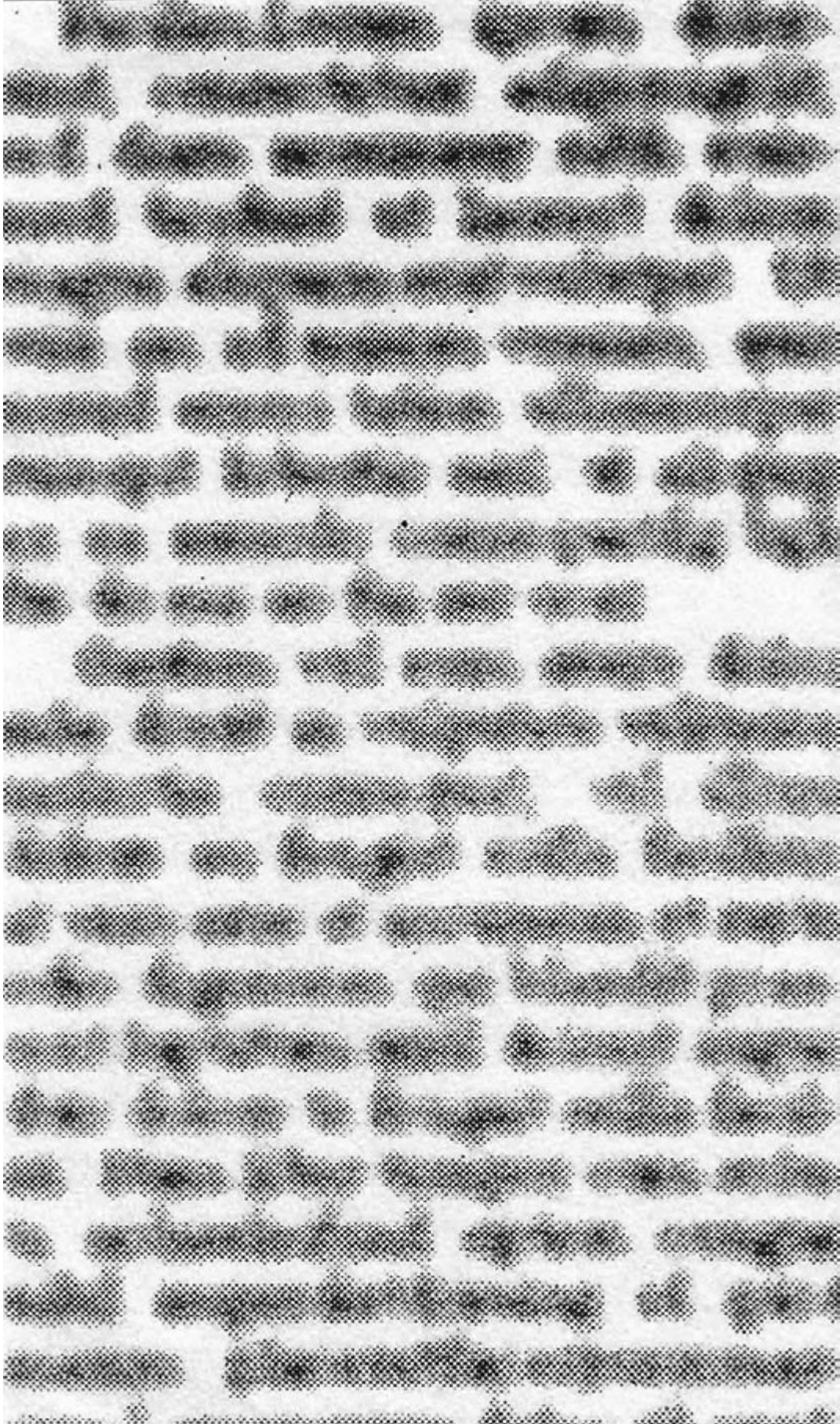
Paisagem cega, (b).

*reina:*  
sem dentes,  
disse a passagem  
das unhas sobre  
a pele e  
vibravam entre si.  
segunda falange  
à esquerda  
enquanto as unhas  
sulcavam o pasto  
deduzindo  
almoço na relva.  
os cascos vazios  
de número 16  
imprecisos  
para os pés,  
bastava dizer  
em voz de porco:  
abrir sulcos.  
um cachorro

seu colar  
abajur  
na *animalia*  
e lia a terra aberta  
com o focinho  
joão e as cidades inventadas,  
se dissesse em fábula húngara  
não morava tão longe,  
muito longe:  
ele anda com um quintal celta no bolso, seu cachorro late quando pensa.

Paisagem cega, (c).

Há quem diga  
presságio ou  
ave fantasma,  
feita da sombra  
de galhos e  
alvura noturna.  
Água e celacanto  
para o estrangeiro  
discreto, branco  
de códigos  
amorosos:  
ele se lança  
contra a alvenaria.  
sem cálculos a  
águas passadas,  
a perda em todo  
o cabelo empregado  
para seduzir,  
no entanto,  
de todas as  
previsões alheias,  
a dela foi  
no alvo:  
as vacas ruminam a noite.



Alex Hamburger, Panfleto

Alex Hamburger, Frontispício

	810
O corpo da escrita deve ser disposto mais ou menos no	864
centro do papel. É costume deixar-se margem mais larga à esquer-	933
ta do que à direita, no caso da folha ser arquivada em pasta.	997
É preciso, ainda, que o datilógrafo evite os erros datiló-	1058
gráficos, que podem ser de várias espécies: superposição de le-	1131
tras, falta de espaço entre as palavras, omissão de letras, impres-	1202
são desigual, borrões, manchas, raspagens com borracha ou outros	1265
objetos etc.	1282
Cartas - como ninguém ignora, representam as cartas pa-	1335
papel importantíssimo no giro dos negócios, realizando-se por seu	1405
intermédio transações de grande monta. Daí o cuidado com que	1472
levem ser escritas. Às vezes, da falta de apuro com que se dati-	1540
lografa uma carta resulta o malogro de uma negociação entabulada.	1607
Figure-se que alguém se ofereça, por escrito, para ocu-	1664
par o cargo de datilógrafo de um estabelecimento comercial, e o	1725
faça através de uma carta mal escrita, com sinais de borracha ou	1795
provada de erros datilográficos. Fatalmente, não obterá sequer	1862
uma resposta.	1876

MARÍTIMAS

água de mar que bate  
na banheira,  
sal que entope o som  
dos ouvidos.  
o ar vazio  
eu preencho com  
aros de fumaça.  
a garganta arde.  
como é bom o mar  
batendo na banheira,  
salgando o corpo,  
mãos enrugadas.  
ali passa uma nau.  
noutro canto,  
um transatlântico.  
dizem que naquela ilha ali  
tem um pirata.  
bem ali naquele canto,  
borda do mundo.  
pirataria que só!  
e, claro, todo mar  
tem um cais.  
ali, o pirata  
capturou  
navios ancorados no ar.  
foi a ana c.  
que falou pra ele.  
tinha a senha,  
a dica,  
mas não me lembro  
mais



número letra e o nome  
tudo em CAIXA-ALTA.  
não, não houve testemunha  
alguma.  
o pirata sempre foi discreto.  
eu te disse,  
aqueles barquinhos a vela  
que eu deixava na marina...  
já viu pirata discreto?  
nem os surfistas  
com Hipoglós no nariz  
viram  
aquela turista que o marido  
trabalha em SP  
durante a semana  
aquela menina dos chapéus  
a japonesa  
aquela senhora que anda com as  
mãos para trás,  
ninguém viu.  
agora a água do mar  
da banheira  
está revolta,  
bate violentamente  
- plaft plat plat plat –  
transborda  
no horizonte  
barcos  
da guarda costeira  
brasileira  
americana



cena de cinema  
eles se aproximam,  
e vêm procurar  
o pirata.  
mas o pirata é discreto,  
não esqueçam.  
então, a batalha  
de água  
chuá...  
o pirata,  
feito criança,  
joga água para todos os lados:  
os portugueses  
e suas armaduras  
os jesuítas  
e seu poder civilizatório  
índios  
negros escravos  
a coroa  
o passado histórico,  
tudo em conflito.



afiam-se as lanças  
  
e a luta avança:  
o pirata  
contra  
o sistema capitalista  
as leis protecionistas  
as correntes migratórias

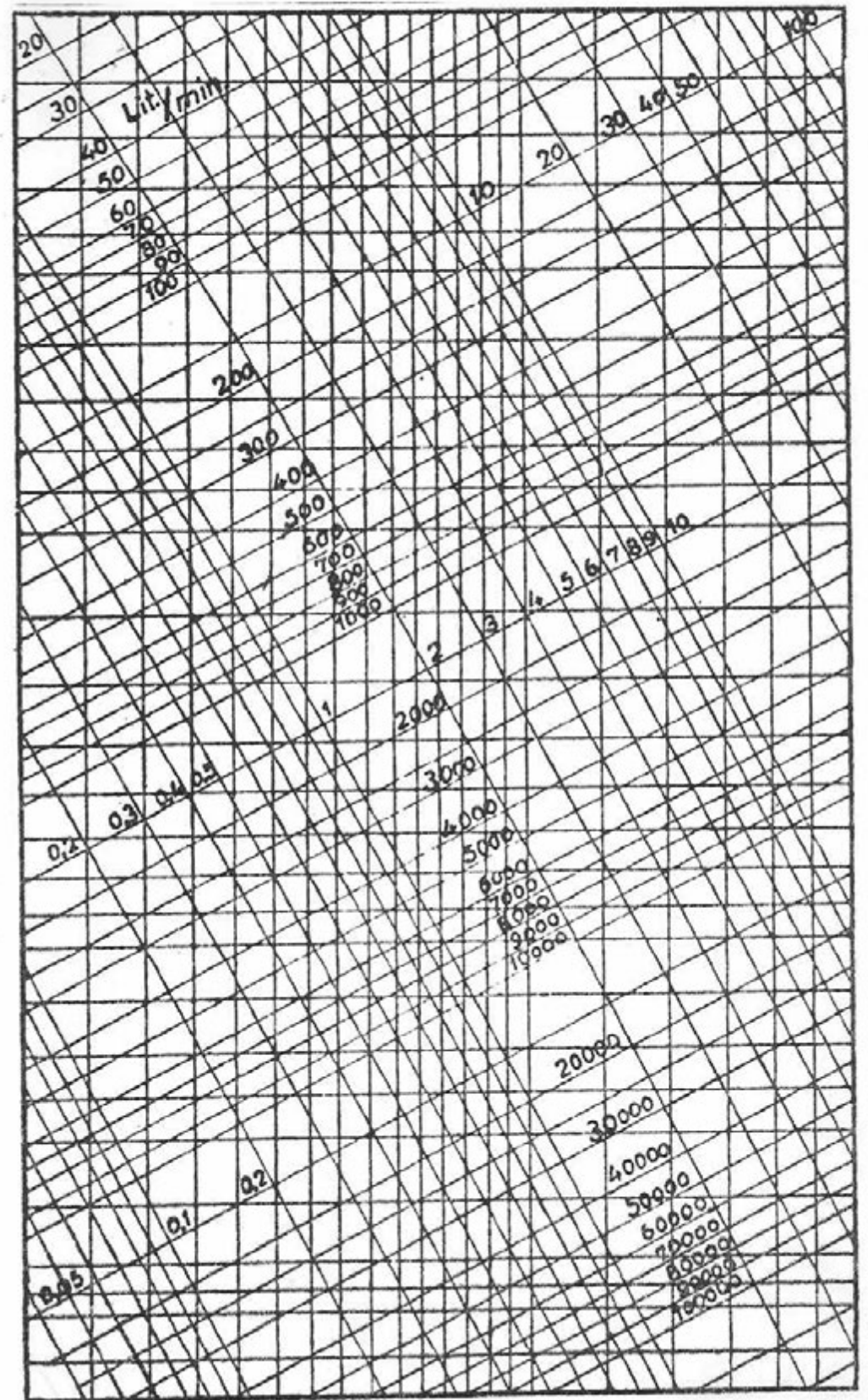
o avanço das madeireiras na Amazônia  
o engarrafamento na Marginal  
a evangelização dos índios  
a intolerância  
a imprudência  
a corrupção sistêmica  
os lobbystas  
o legado de Sarney  
o colonialismo  
o americanismo  
o coronelismo.  
o pirata,  
agora  
travestido de Lampião,  
chega ao final da contenda,  
assobia  
e recolhe seu bando.  
agrupados  
numa canoinha  
sobem a foz  
de um rio  
que desemboca  
na água salgada  
da banheira.  
hora de mergulhar e sumir.



citações incidentais:

“Nós que adoramos um documentário” de Ana Rüsche

areia finíssima sobre o assoalho de madeira



## Nada-tão-kolossal

*a Pier Paolo Pasolini*

Por volta dos seus quarenta anos, confessou: “Percebi que estava num momento muito obscuro da minha vida. Tudo o que fizesse, na selva da realidade de 1963, absurdamente não pronto para aquela exclusão da vida dos outros que é a repetição da sua, tinha um sentido de obscuridade. Não diria de náusea, ou de angústia: ao contrário, naquela obscuridade, para dizer a verdade, havia algo de terrivelmente luminoso: a luz da velha verdade, aquela diante da qual não há mais nada o que dizer”.

De repente, deteve-se, olhou para o chão e lhe disse que não teria nada mais a acrescentar ao sonho da noite passada. Ficou naquela posição oblíqua, olhando a paisagem escaldante daquele verão de 1963. Algo velado, sim. Era visível um profundo incômodo em seu rosto, como se, agora, ao contrário do desejo de continuar sonhando, para que o enigma finalmente se revelasse, tivesse sentido a necessidade de interromper a sua experiência onírica por obrigação.

Tirou um cigarro do bolso de sua blusa e o acendeu. Deu a primeira tragada seguida de um sorriso irônico. Não havia mais nada o que produzir, se é que chegou, de fato, a produzir algo: seus gestos, suas palavras, seus amores, enfim, seu modo de se colocar diante de qualquer situação parecia revelar um enorme dispêndio de energia diante da vida. Após uma segunda tragada, continuou, sem nenhum tipo de

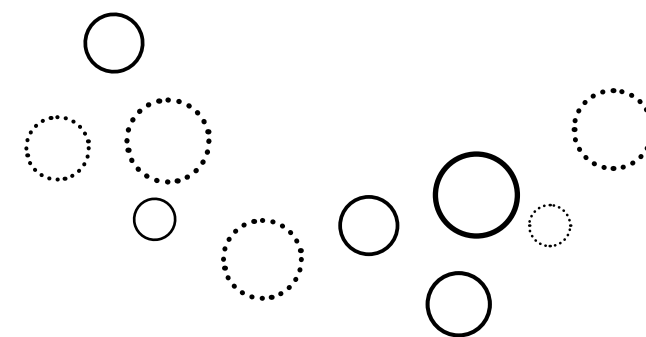
introdução: “Eu via Rimbaud caminhando diante de mim, numa ladeira repleta de ervinhas daninhas e inocentes: num dos lugares do mundo, no qual ainda, mesmo com tudo o que havia acontecido, o que contava realmente era a relva - os tufo da relva amassados pela primavera tal como bandos de pedintes, com cheiros ciganos penetrantes na pureza compacta das épocas agrestes, imortal, a pobre acácia passageira - que apenas naquele momento do ano gozava do seu triunfo: flores grandes, todas aglomeradas umas sobre as outras”. Falou que este era o sonho que seguia o anterior.

Obscuridade igual à luz. Voltou novamente seu olhar ao chão. Alguém chegou mesmo a comentar que o seu modo de falar era semelhante ao efeito do sol atravessando o pó. Sem mais nem menos, surpreendeu o passageiro no banco de trás com a afirmação: “Não olhe para o horizonte, olhe para o que está ao nosso redor e se dê conta da tragédia!”. E ainda acrescentou: “Neste inferno (como na vida) não faltam os cínicos”. A imagem, naquele instante solar, que se abriu diante dos olhos deles, não era muito distante daquela presente nas vidas ali resumidas em sonhos. E ainda fez questão de pronunciar uma afirmação seguida de uma prolongada gargalhada: “No reino das sombras é naturalmente mais difícil perceber as diferenças existentes entre Roma e Milão”. E seguiram viagem.

## Elogio à tesoura

- Desde quando a utiliza?
- E o que isso importa?
- Não sei, não pode ser arriscado?
- E o que isso importa?
- Importa a matéria de um lado a outro, não é?
- Não sei bem, que matéria?
- Quem a utiliza? Move-se sozinha?
- Não sei como pode se movimentar sozinha, não seria melhor acender a luz?
- Talvez!...
- Mas não está se movimentando no escuro, não é mesmo?
- De forma alguma! Há uma sombra...
- Será que conseguirá imitar o gesto que fez ali no cinema e no seu desenho?
- Tudo é possível no detalhe, mas... a questão é imitar?
- Gostaria de saber recortar um desenho!
- Não basta! É preciso saber, em seguida, colá-lo em outro lugar...
- Por favor, a tesoura...

Ontem foi chamado às pressas. Mas como não havia o que fazer, esperou até a hora combinada. Trouxe consigo o seu lápis e o seu caderno. Quando chegou naquela pequena sala pouco iluminada, viu, antes de tudo, a queda. Começou a rabiscar todo o conjunto, como sempre costumava fazer. Porém, o prazer maior estava no detalhe. Escolheu dois: um referente à perna, outro, à mão. Costumava fazer anotações ao redor de cada detalhe. Ao lado da imagem do pé direito, apontado para o alto, escreveu: “A catástrofe, enfim, é quase sempre reversível”. Ficou muito intrigado com a palma da mão esquerda, que acompanhava o movimento aterrorizado

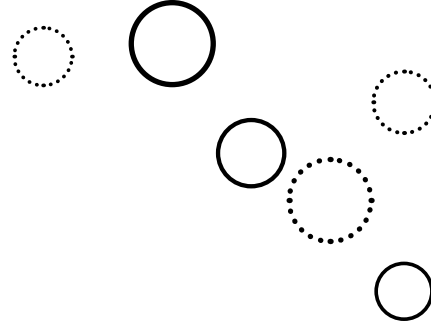


de seu rosto ao cair. Decidiu recortá-la. E diante da reversibilidade pôde senão apresentá-la no verso da folha. No entanto, a imagem ali recortada não era a da palma da mão, tal como se mostra no conjunto, mas, sim, a sua sequência espectral, como se cada milésimo de segundo fosse retido e liberado ao mesmo tempo. E como se o braço esquerdo estivesse ali presente, em sua posição transversal, de queda, escreveu de cima a baixo, quase tocando o chão da folha: “Duas torres em Pisa oscilam, tocam-se – gêmeas – abraçam-se”. Não podia não recortar e transpor para aquele verso o pé direito apontado para o alto daquele que cai? Depois, seguindo a linha transversal oposta àquela do braço, anotou: “Duas torres em Pisa oscilam na Praça dos Milagres”. De repente, lembrou-se (agora sem tomar nota alguma no seu caderno de anotações) dos versos:

*San Lorenzo, io lo so perché tanto  
di stelle per l'aria tranquilla  
arde e cade, perché si gran pianto  
nel concavo cielo sfavilla...*

Voltou para casa. Queria ver um filme. Ligou para um amigo que lhe disse que estava em cartaz *O Encouraçado Potemkin*. Foi ao cinema.

Não conseguia esquecer aquela mão quase encostando o chão da folha. (*Uma atribuição errônea arrasta consigo tudo ao chão*). Recortou a frase de um jornal que havia encontrado ao lado de seu banco, na sala de cinema. Guardou a tesoura e, ainda um pouco perturbado, foi embora.



## Do dedo indicador

Uma estranha mania logo se manifestou naquela coisinha. Insistia ter contato indiscreto com aquele, não menos coisinha, e com os outros distintamente semelhantes à coisinha desejada. Não são todos iguais, obviamente, por isso a distinção, mesmo que semelhantes. Uns mais arredondados, uns mais discretos, uns mais salientes. Não importava a cor, gostava mesmo era de olhar, se pudesse tocar, melhor, porém nada impedia que sentisse o mesmo prazer ao imaginar o toque de seu dedo naquele que seria o seu cúmplice menor. Não podia ser qualquer dedo, isso é importante que fique claro, o toque deveria ser proporcionado pelo dedo indicador da mão esquerda. É fundamental compreender o motivo, mas logo se desiste, pois tal compreensão é de uma distinção quase insuportável. Gostava mesmo era daquele, só podia ser aquele.

Seus pais também possuíam uma mania estranha. Adoravam vê-la em ação.

Diziam que seu parto foi *absurdamente* normal, mas a única coisa um pouco complicada foi o corte do seu cordão umbilical. O médico cortou-o, na primeira vez, não no local certo. Experimentou a segunda e nada. Na terceira, enfim, acertou um ponto extremamente sensível, não se sabe bem se para o seu corpo ou para os enrugamentos de testa que presenciaram a cena. Não importa. O desespero da sua mãe também foi em vão. A coisinha chorou desesperadamente. Depois de alguns minutos tudo se normalizou. Aliás, aí começa o divertido drama.

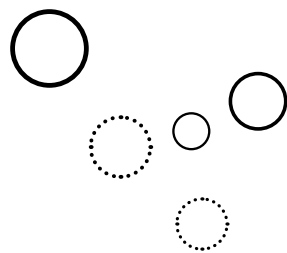
Logo que seus pais retiraram o curativo, perceberam que a forma desejada por eles não havia sido a tão esperada. A coisinha completou um

ano. E quando começou a descobrir as partes de seu corpo, demonstrou certa fixação por aquele lugar. Passava as duas mãos ao mesmo tempo. Intercalava o toque: ora a mão direita ora a mão esquerda. Abandonou a mão direita, não se sabe por qual motivo, talvez o movimento com essa mão não lhe satisfizesse! No entanto, com a mão esquerda aconteceu algo desagradável. Começou a experimentar cada um dos dedos. Para cada dedo realizava um movimento diferente. Começou com o polegar. Com ele fazia movimentos circulares no sentido anti-horário. O próximo dedo surge, assim como um salto, adiante. Com o dedo médio apenas encostava suavemente naquele ponto circular. Com o seu-vizinho encostava e levantava, com o mindinho fazia um movimento engraçado, como se estivesse retirando um farelo de pão que havia caído sobre sua camisa. O dedo saltado retorna. Com o dedo indicador era tudo muito diferente, a violência se deflagrava. Tencionava-o e enfiava-o com toda a sua força. A sensação era a pior possível, não se contentava em enfiá-lo apenas uma única vez, repetia o mesmo gesto para o desespero do seu cúmplice menor, tanto que, aos poucos, se transformava no seu mais íntimo e indiscreto tormento. Começava a chorar e dormia.

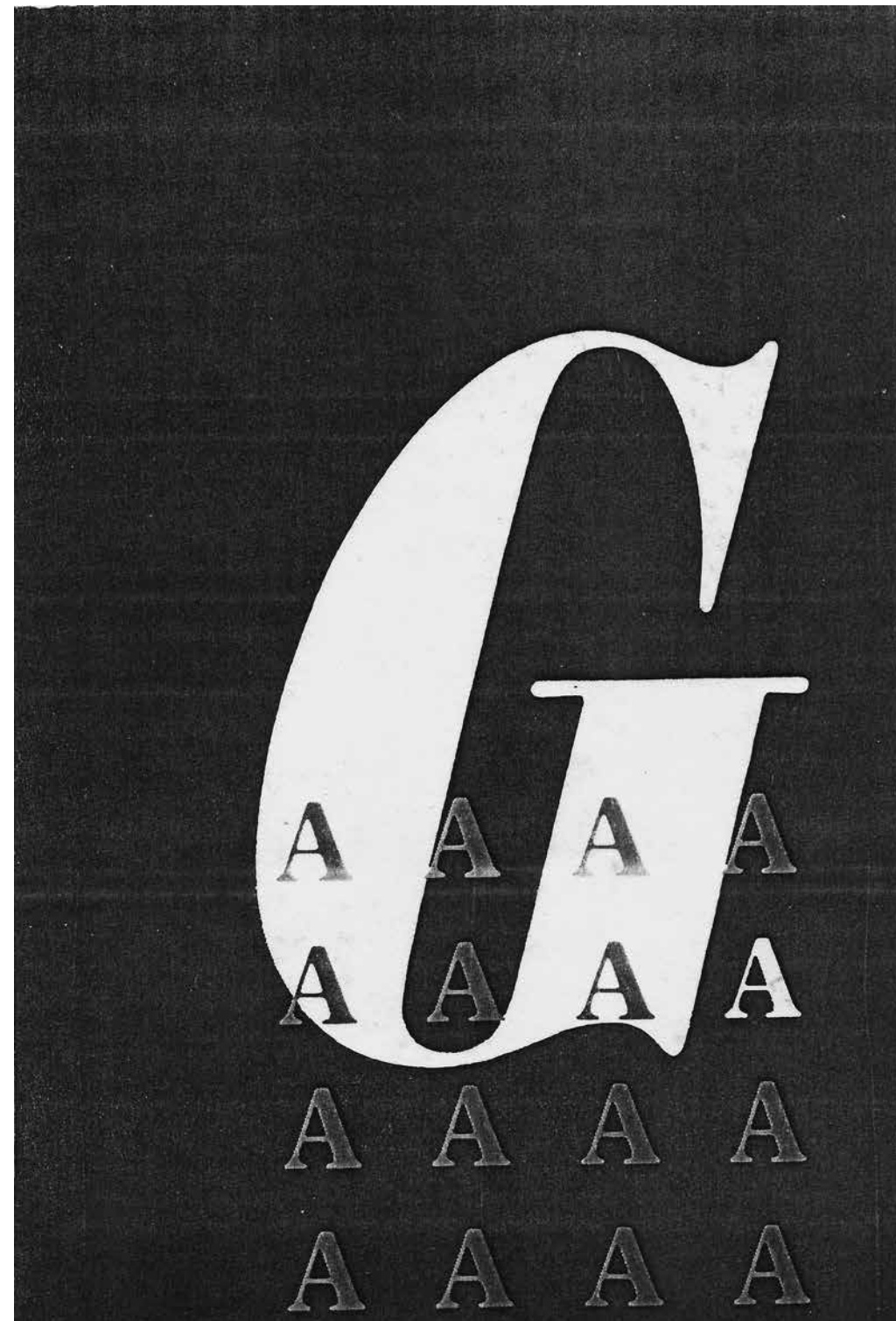
O tempo passou. A descoberta de outras pessoas por parte dela suavizou o sofrimento, não especificamente o seu, ou de qualquer um, mas o sofrimento. Quando passeava com seus pais pela praça, olhava para todos. Seu olhar era fixo e inquietante. Parecia ter uma visão que apontava sempre para o centro de tudo. Na praça, havia lá uma fonte. Era circular (sim, nem todas as fontes são circulares, nem todas as fontes são fontes). O chafariz no centro, feita de sapos jorrando água. A coisinha passava horas calculando se a água jorrada pelos chafarizes realizava um desenho tão perfeito quanto à circularidade daquela fonte, e logo surgia também a imagem do seu objeto de desejo.

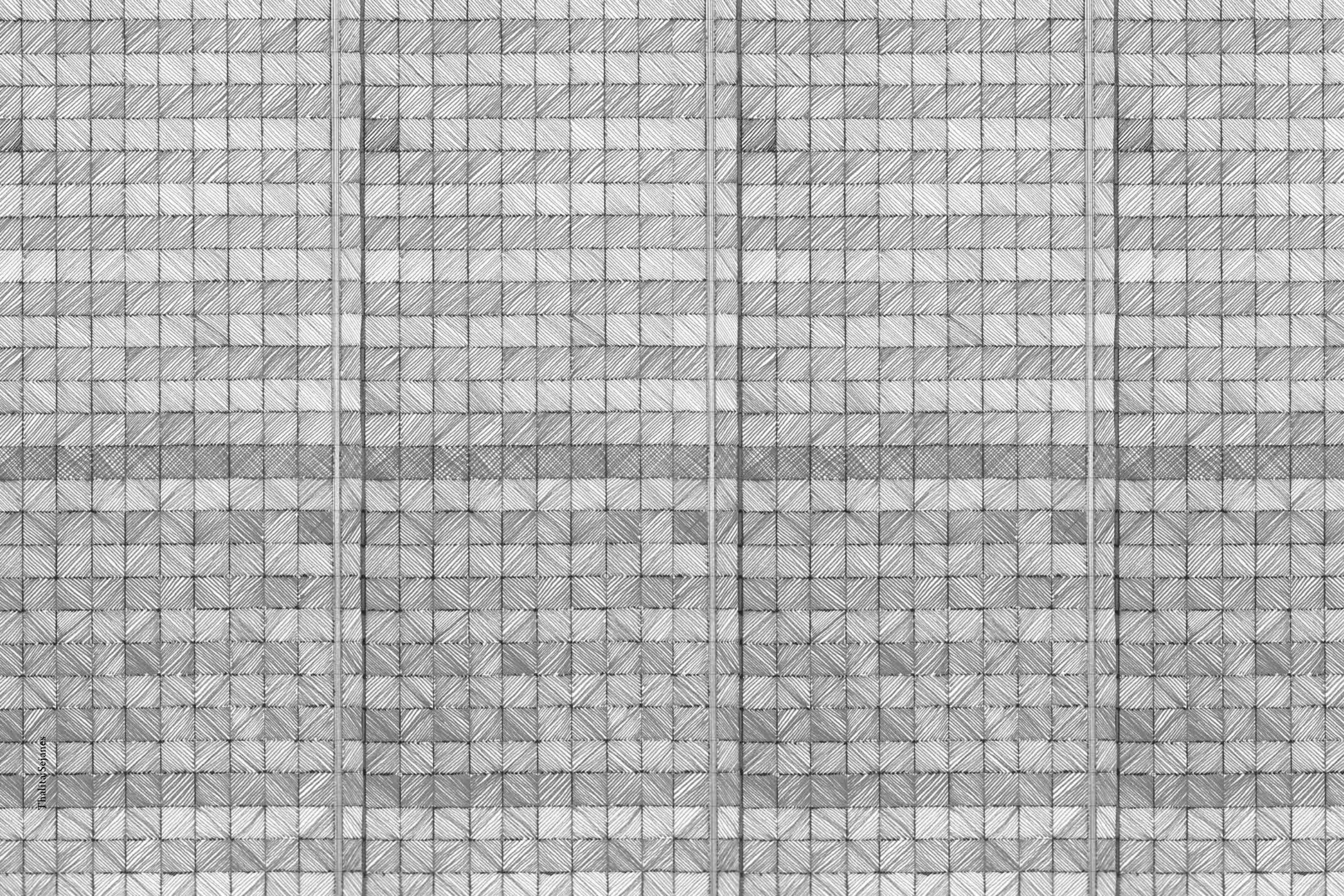
Descobriu que as coisinhas de sua idade são estranhas. Aqueles penduricalhos não lhe faziam o menor sentido. Gostava de olhar o que estava encoberto, imaginar a forma, a textura, as saliências. Quando viu pela primeira vez um *piercing*, sofreu muito, como poderia aquela coisa impedir o contato que deveria ser só seu? A violência era exclusivamente sua, a pressão do dedo indicador da mão esquerda era o gesto mais apaziguador. Imaginava, ficava completamente excitada com aquela imagem muito menos perturbadora do que acalentadora.

A coisinha cresceu. Seu desejo também cresceu. Pôde experimentar várias formas. Todas redondas, ou quase redondas, sempre. Mas havia algo estranho. O cúmplice menor começou a sentir falta de algo. Não foi sendo abandonado aos poucos, mas rapidamente. Não era mais agredido, o dedo não se enterrava mais na sua pele. Por onde estaria se enfiando? Sofria com a falta da violência habitual. Sofria por não mais conseguir pensar em outra coisa. E a coisinha foi deixando o desejo de lado, foi ficando triste, começou a se tocar com todos os dedos da mão direita, como se formassem uma concha. Não queria, porém se tocava, violentando o sofrimento. A coisinha agora vivia olhando para o chão, só queria saber de pegar qualquer dejetto com a mão direita. O dedo indicador da mão esquerda nunca mais violentou nada. Seus pais ainda adoravam vê-la em ação, agora com o olhar fora de centro.



Alex Hamburger, AAGÁ-AH





concerto matinal pós-soviético

aurora

nenhum julgamento em maio

toca a pianola boilesen

eles são os outros, ó henning

executa no silêncio das línguas seu concerto

de bom dia - ó, gases! anima-te, ama-te ao meio!

toda a verdade tingida num só corpo nevá-realista

cruzador, proletariusze!

anacrônica, atraente, a liberdade é uma agonística

a sibéria nunca existiu, novokuznetsk não existe

corre em tuas veias a pátria-colônia de pestes

sangre vermelho é o canal do mar branco

ó, yezhov! nunca ouviram a gulag song.

\*

O segundo fragmento da flor

Um dia, pensei Lilítcka

um anel e o olhar de lambe-lambe.

Mas era Lilie

sem furta-cor e nem mais nada.

Só o oco do mundo em lugar de nome e habitat.

\*

aurora sobre o rio angicos

há em meus olhos a beleza mais colorida.

tão inesquecível quanto o crepúsculo

da memória ganhada, me ergo, arregalada.

e já não há nada dorido em meus olhos

se pareço chorar fácil, é verdade

diante do que de fato importa

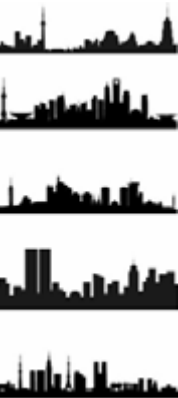
o sol, amarelo e vagaroso, subindo ao céu

rasgando mil nuvens de paz

sangrando o rio e meu peito

estio, alvoroço.

\*



poema só para m. e yeats

Uma delicadeza de renda nunca deveria ser rasgada  
- como a menina batida e pisada que nunca sai da cozinha,  
um soluço no silêncio.

Estendem-se sob os sóis as belezas indizíveis, indecifráveis  
- estamos sempre sós, abismos entre a verdade de cada um.  
Beleza, solidão, mentira de cada um.

Quisera poder desdizer as lágrimas na chuva, as pérolas aos porcos,  
todo cinema que não é mudo e movimento  
- tudo é para se perder.

Uma vez quebrados os suaves cristais do esquecimento,  
nada pode ser claro, não resta qualquer bondade ao mundo,  
tudo se deslinda por olhos e paixões humanas.

Quisera guardar toda lágrima em caixinhas de músicas, de costuras  
como coleções de autógrafos e pelos da língua inglesa, desconhecida.  
Fazer de toda pele uma delicadeza de renda.

Mas é noite. Todo dia. A chuva açoita cada alma enjaulada  
homicidas temendo e esperando ressuscitar à morte de cada dia.

Tecidos celestes rotos  
- tudo é para se perder.

\*

segunda, esvaziamento: elogio

*para B., que também é C.*

Sinto que, ao nomear as coisas, traio-as como Araetê  
às veredas. O outro, ao nomear o outro, ter-me-ia  
à luz? Repito esse outro que também sou eu

- Tenho me aperfeiçoado em ausente.

O arquivista da Douradores permanece in border.  
Invejo-o a se desgrudar de qualquer arremedo e som.  
Habita cada junco entre os dedos de não se dizer

- Sozinho, desolo-me; acompanhado, um oprimido.

E como pretendesse ser, criar qualquer presença,  
diálogos inenarráveis, a verdade primeva e anterior  
a tudo. O indesejável. O silêncio

Dos lábios que escreve e arquiva.

Ausência, a total inabilidade em ser junto  
mais que junco. E, ainda e de novo, repete  
abaixo a mácula desnecessária no nada:

- Quero a rua dos Douradores!

\*



polaroides urbanas, 2

sete horas

a cidade cheira a coentro

as ruas apinhadas de lixo e lama

mil olhos acima dos corações

nenhum tabuleiro de tapioca

nenhuma bicicleta

e ninguém sabe quem é platero

só a fumaça, a urina, um carro por cabeça

quem vive em fortalezas, é forte, fugitivo, exilado?

a cidade cheira a coentro

\*

o tigre ama carne fresca

costascolo, será o nome de quando se tem torcicolo

nas costas e precisa de um colo.

o telefone tocou dez vezes. a guerra avançava.

tendo a cama como concha, me ofereço um riso

amarelo e esburacado da displicência, ironia.

na sala de estar, dividindo estorietas, imagino

a mulher condenada às mentiras, uma pilha de livros

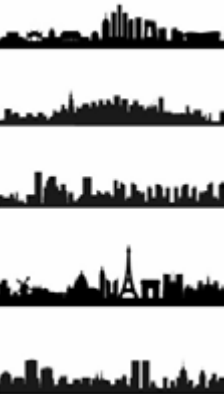
que nunca serão lidos e os descendentes.

falta bem pouco para que eu seja também uma mentira

costascolo, guerra, telefone, sala de estar:

nada que se ajuste ao mundo dentro.

\*





De tudo resta um pouco. Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema cujo título ilustra bem a materialidade da herança: “Os bens e o sangue”. Já eu, durante muito tempo, pensei conhecer a minha família morta pelas histórias que me contaram, e que constituem, sem dúvida, um punhado da herança que recebo. Hoje acho também que vivi em desaparecimento desde que os que estão mortos existiram, e que este corpo nasceu para manifestá-los, já que toda herança é material. Isto é mais explícito quando alguém herda um faqueiro de prata, uma casa ou uma dívida com um banco. A materialidade também é clara quando se percebe numa pessoa traços de semelhança física com a sua mãe, tia ou avô, já mais sutil de perceber é a herança de um modo de andar, um gesto de arrumar os cabelos, ou jeito de articular um raciocínio. Deixarei restar o mistério de saber se é tudo genética, ou quanto é assimilação. De todo modo, podemos abstrair com ajuda da ciência e se os neurologistas mapeiam no cérebro as zonas responsáveis pelos diversos atos e sensibilidades de um corpo, é fácil imaginar que o pensamento também é material, químico e biológico, e talvez a memória de um corpo carregue os restos de seus antepassados não só em trejeitos de mãos ou propensões para doenças específicas. Às vezes me pergunto, sem obter resposta: se tenho memória do que não vivi, quem me garante que a vida do que não vivi também não me tenha sido transmitida? Haverá uma cadeia química da memória que resta no meu corpo ou é a linguagem o único meio de conhecer o que os antepassados viveram?

A herança é uma instituição que fundamenta diversas sociedades. O capitalismo tem bastante apreço pela transmissão hereditária de bens e dívidas, e cada país tem uma legislação própria para regular o funcionamento da transmissão por herança. A herança por parentesco

pode transmitir mais do que bens, pode transmitir poderes simbólicos e práticos, e isto é claro se pensarmos no sistema de castas indiano, na família real britânica ou se lembrarmos que Júlio César nomeou seu sobrinho Otávio como filho para que este se tornasse o imperador. Assim como a camisa 10 da seleção brasileira carrega para quem usá-la o peso e a honra de ter sido de Pelé, a palavra “filho” tem a carga de um poder simbólico. Também é impossível esquecer entre os objetos com o poder de transmitir uma herança o fundamental “testamento”. Presente inclusive no perfilhamento de Otávio Augusto, o testamento é um documento que, sendo uma espécie de carta para os que sobrevivem, determina quais herdeiros foram escolhidos pela assinatura que um morto deu enquanto era vivo.

Se por um lado a herança é partilha, por outro é divisão. Feito multiplicação celular, cada vez que alguém fecunda alguém, algo se encontra e algo se parte para crescer: outro alguém se constitui nascendo, e já tão jovem é herdeiro de seus outros. Diferentemente do tempo que não tem sentido único que o explique, a herança tem um direcionamento sucessivo, já que claramente não posso suplantar o vazio que meu bisavô Konrad Hansen sofreu ao apostar todo o seu dinheiro em títulos da Alemanha na I Guerra Mundial. Tendo perdido a guerra, o dinheiro se fez só papel, que de parede foi transformado e eles, meus antepassados, forraram com Marcos alemães uma casa de 15 cômodos em Limeira. O que mais me restou desta época foi a síntese do meu bisavô: “dinheiras a gente perde”.

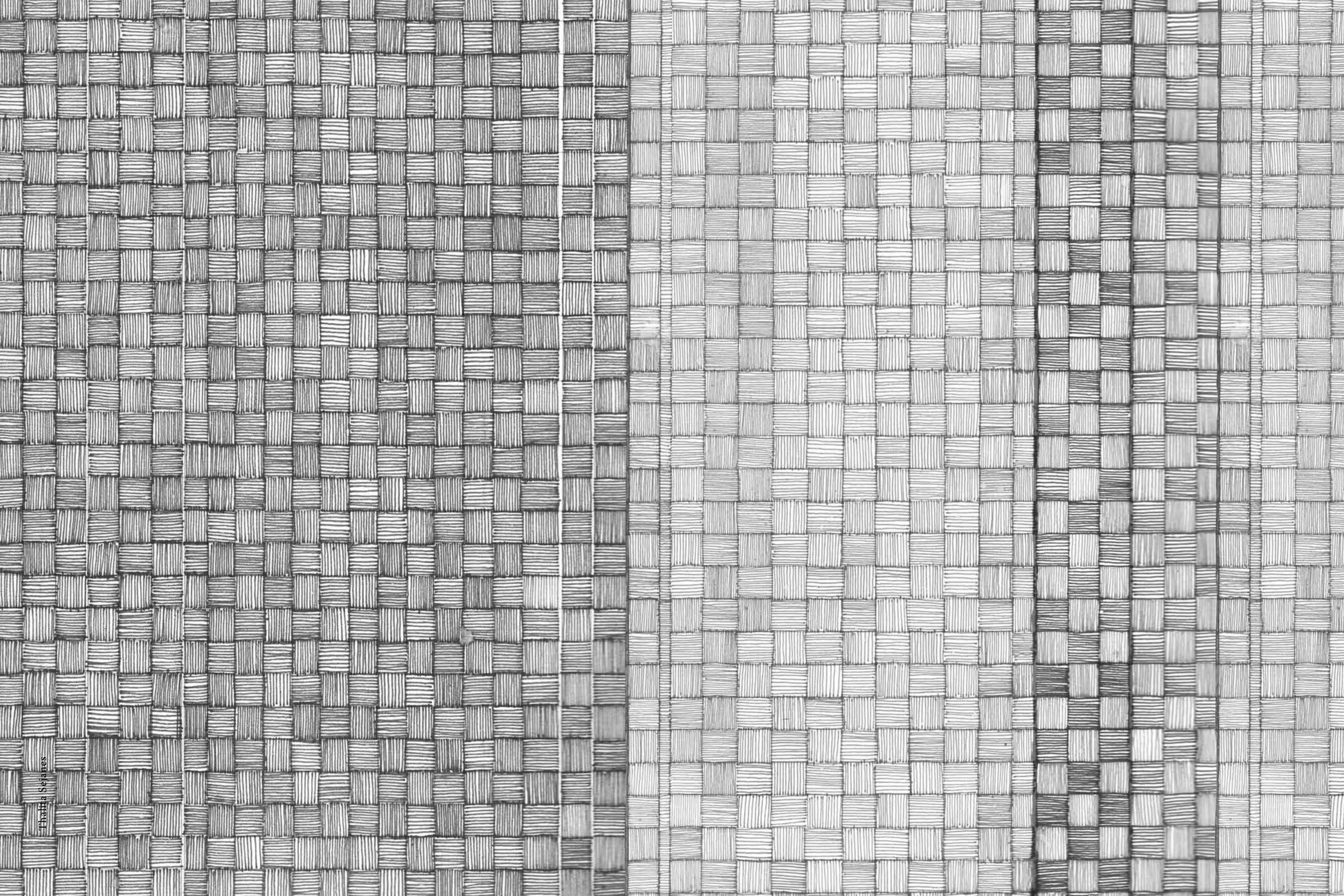
É no sentido desta aprendizagem que corre este ensaio, e embora me interesse menos pelas heranças de posses, alvo mais comum de disputas (e por vezes até assassinatos) entre irmãos e primos, sei de uma história

ilustrativa do que significa o poder de uma herança material. Conheci certa vez um rapaz muito rico, que havia herdado sucessivas gerações de todas as possibilidades que um grande acúmulo financeiro pode fornecer. Ele era apaixonado por aventuras, sobretudo as de velocidade, como carros de Fórmula 1 e esportes náuticos. Dono de uma mente engenhosa e de um grande apartamento na cidade de São Paulo, o Nelson (vamos chamá-lo assim) comprou todos os materiais e ferramentas necessários para a construção de um veleiro. Dedicados alguns meses de ócio e ofício, o veleiro ficou pronto, só que dentro da sala de sua casa. Obviamente, o Nelson nunca conseguiu tirá-lo dali, e todas as possibilidades de velejar ficaram escultóricas, mas com vista para o parque do Ibirapuera. Nunca entendi se ele queria mesmo ter velejado ou se o que lhe interessava era somente fazer o veleiro. E isto importa? A herança é um veleiro dentro de uma sala de estar, resta saber o que fazer com ele.

Sei que a cada dia mais falo por meio de símbolos. Herdei o olhar do meu avô materno, fato que conheço porque toda vez que vejo uma foto dele sinto uma fisgada não sei bem onde, mas que me indica que há gerações temos sido excessivos. Vejo no olhar dele que eu também poderei sempre me apaixonar tanto por perseguir uma ideia, e ser tão firme e generosa com ela, até o ponto de ela me destruir. Toda a aventura da vida em um modo de olhar, que talvez já estivesse presente no avô do meu avô, e a herança é a partilha de algo notável porém indiscernível, algo que reúne o cardume, alguma coisa de matilha forma uma família. É impossível se apossar deste algo que se tem, ele simplesmente resta em nós, e nos faz ser. Embora o fato de ser o resto de algo prévio, qualquer um que nasce tem a herança como ponto de partida, mas a herança nunca nos determina o destino. A herança é um resultado para um começo.

Não sei medir quanto dos escoamentos de uma herança são subterrâneos ou pairam como vírus, e me parece que o grande trabalho de receber uma herança é saber separar o quanto de jóia se misturou com esgoto. Isto é bem claro na herança que cada um cria para si: a quantidade de objetos que uma pessoa pode guardar por afeto ou desleixo; ou a herança que resta em sentimentos como o rancor e o arrependimento, mostram como em certos momentos a herança exige uma escolha e abre uma possibilidade ativa em relação a si mesma. É imprescindível lembrar que podemos recusar.

Agora pouco quando escrevia sentia na minha letra a fogosidade de quando leio Rimbaud. Dele me apropriei de quê? E embora o lesse para aprender nada, ele me ensinou. Não passo quinze minutos escrevendo sem sentir um laço entre algo que li e o que agora escrevo. Na maior parte das vezes não consigo tratar um pensamento como uma posse, e as coisas que leio, o pensamento as conhece em metamorfose. Porque o pensamento é uma abertura que não posso repetir sem pensar novamente, quando escrevo em eco do que um dia li, mais do que uma ideia do texto de outro, penso me apossar é do gesto. Talvez isto se chame técnica, e ler um poeta é entender como ele respira, e escrever o seu respiro é quebrar um verso. Algumas vezes sabemos bem do que nos apossamos, de alguns poetas podemos furtar uma gravata, mas outros são terríveis, impossíveis, devastadores. Como se apropriar de uma labareda? Penso no rapaz, na poeira levantada pelas botas do rapaz, pela estrada até Paris. Jean-Arthur fugindo de casa para ser Rimbaud. Rimbaud recusando a fixidez, todo ágil pela luz natureza. Rimbaud esquecendo a Europa. Rimbaud sendo a navalha que herdou.



	1062969	4473119	1706565	3226442
<b>01</b>	1192285	4609150	1714541	3226566
5418642	1203996	4610485	1715068	3228682
5459659	1223512	4614227	1721181	3235611
5667448	1235200	4619652	1756228	3239228
5804160	1271681	4652757	1785953	3239498
5895165	1272688	4655950	1834148	3239790
6063902	1286948	4660652	1936684	3247652
6090322	1304776	4661772	1937494	3308759
6301404	1308175	4669447	2004688	3314848
6324447	1306876	4673428	2007067	3337171
6620550	1307970	4674584	2008373	3388091
6741862	1311292	4680661	2011935	3388914
6838025	1312167	4681595	2035672	3392687
6860314	1322278	4683083	2078215	3402291
6968573	1322596	4683873	2123849	3402984
6986431	1358922	4686759	2124470	3403255
6988949	1365635	4694867	2149830	3408257
7131227	1370620	4695898	2198900	3414249
7206189	1371732	4699648	2208526	3421199
7219744	1378222	4728362	2237844	3424880
7273676	1391024	4730057	2255907	3427995
	1404045	4735890	2367039	3428487
<b>10</b>	1412242	4739941	2411305	3429947
0709222	1550513	4746328	2415017	3429963
1092067		4747421	2419039	3431481
1114087	<b>50</b>	4747634	2436685	3432069
1114532	1794271	4748800	2437118	3446396
1122454		4765276	2438041	3447511
1154348	<b>60</b>	4803607	2438688	3448950
1239009	0298353	4804549	2482288	3449107
1719191	0301087	4819619	2519963	3458963
2110204	0346773	4820439	2558985	3459951
2118477	0349535	4821532	2561650	3464211
2147442	0438040	4822628	2561761	3504256
2159815	0441008	4823659	2564560	3504396
2173540	0943828	4824140	2566759	3507050
2635463	1080548	4824655	2580956	3512046
2640670	1082346	4824376	2599584	3512313
2650756	1340019	4830892	2601449	3513000
2660182	1402006	4834359	2604022	3513239
2669732	1490970	4834405	2645101	3513859
2672024	1659341	4835452	2652175	3516084
2675937	2016150	4837382	2698450	3517323
2721319	4037384	4840006	9760321	3518729
3064389	4073283	4840553	9769655	3518737
3066489	4085141	4841665	9771269	3519105
3071270	4659075	4842297	9783178	3519547
3071989		4843013	9806402	3519741
3072489	<b>70</b>	4903350	9809401	3525300
3073752	2758264	4903938	9817781	3526551
3078592	2767301	4946807	9820529	3530691
3095306	2786667	4949245	9821266	3538770
3096396	2796107	4952041	9821290	3541747
3101268	2798240	4954796	9822416	3543472
3101497	2799866	4959275	9824958	3593747

Alex Hamburger, Soweto

Júlia de Carvalho Hansen

### Oração

Perdi a cruz e o cavalo que me atrelavam o pescoço  
 havia os guardado no bolso  
 mas, de caminho próprio  
 como tudo o que existe,  
 meus protetores prateados desapareceram  
 para ir viver, eu sei, numa outra espécie  
 de lodo, rascunho, ou pé de armário  
 cheios de pó, tragados sejam  
 pela escuridão.

## A casa dos nietzscheanos

Nichi nichu bainguin  
Canto Shipibo

\*

O dia em que alguém levantar as mãos  
e delas caírem duas estrelas  
cintilações, vertigens  
vão se dissipar  
como uma concha já sem caramujo  
rolada para o fundo do mar  
os caminhos desmanchando juntos.

Eu  
que só conheço um lado  
e do outro desvio,  
vou colocar a mão nos bolsos, então.  
Porque se algo cair das minhas mãos  
não vai acontecer nada, não  
além do céu, o céu se partir.

\*

Como um relógio cuco quando apita a hora - hora e meia, não sei? -  
a língua - que é todo um investimento - está capitalizada em um lugar nenhum.  
Dinheiro? Que me deem mais do que é preciso & que assim eu fique bem.  
É o credo dos tempos, não disse?, E haja quem puder abnegar o deus

dizer três vezes que não necessita, ir viver entre os pausinhos  
de uma cabana ou amassar o próprio pão - respeito-os todos.  
A roda dentada não para de morder entretanto não tenho paraíso  
fiscal para fugir. É toda vez isso: a conta no negativo,  
e mais e mais e mais. Em retribuição escarro em mim  
a dívida do mérito, vácuo que rege a fé em todos os supermercados,  
estacionamentos, eleições de municípios e se camufla  
em latifúndios de uma gente sem esperança, só com resultados  
mortes de índios, helicópteros empilhados num hangar,  
vez ou outra é só uma imensidão de queda  
vez ou outra é só um hemisfério inteiro  
que padece de fome, de frio, e morre.

\*

Estávamos e era de noite  
minha amiga mostrou-me a lua  
eu mostrei-lhe os altos ramos  
e os cães ladravam  
em todos os quintais.  
Radial como a nossa rede  
de compartilhamento atual  
era o latido dos cães.

Mais radical, talvez  
miram os dentes  
mas, como nós,  
estão sós dentro  
de seus muros  
defendendo somente  
o que conhecem.

## Trinco

A primeira vez que escrevi a palavra “muito”  
foi meu irmão que me ensinou  
eu não acreditei. Tinha certeza de que era mentira.  
Faltava um som, um som fundamental. Mas acabei  
acabei acreditando.  
Faz parte ter de acreditar.  
Agora quando escrevo “muito” percebo que minha letra está mudando.  
Eu não tinha esse “t”  
assim  
tão pouco tenso.  
Não atraso a hora das plantas  
deixo as ramagens invadirem os portões.  
Agora vivo acendendo incenso  
pra qualquer córrego vagabundo  
se chamar deus  
eu peço um pouco de atenção  
quando alguém está comendo eu tiro o talher  
da mão enfio na testa.  
Tem muito “t” nessa língua  
não dá pra viver sem eles.  
eu tinha um “t” que me estruturava  
me ajudava tanto aquele “T”  
agora tenho três “t” diferentes  
conforme cada encontro de letra.  
Ainda vão dizer que me rebusquei  
só por conta do “t” trifurcado  
foi que eu me perdi.

## Sobe do chão

Foi-se o tempo em que confundi ação  
com a fúria do movimento  
arrancava lascas dos pratos  
quando os punha a secar sem jeito  
com o que é celestial

a calma  
ou o agora que tudo concede  
lento, tão lento  
cresce e permite  
sentir a espessura da língua  
como pedras de sal entre os dentes.

Visitei o encontro entre dois oceanos  
tanto fundo vi no azul  
que o sal respingou meus ossos  
me marcando feito gado.  
Uma besta tentou fugir, mas senti  
os braços como galhos  
de um velho carvalho  
enraizado e que não considera  
mudar de rumo.

Cativa, tua árvore dá madeira  
para a minha vela ao vento.  
Onde que te encontro?  
Se chacoalho dentro  
dos meus frutos.

era uma vez  
o giz da coluna  
que sustentava  
um templo de águas



o perfil é uma linha  
o peito é um espaço

uma das mãos  
segura no ar o peso  
de alguma pedra  
a outra  
guarda a asa da  
omoplata



o coração é frágil  
em sua cor

apesar de tudo  
sussurrar para  
nós  
mesmos  
sedas impossíveis



uma dor passageira  
talvez um dia  
chegue a seu destino

manchas na pele  
pequena escoliose  
cabelos grisalhos  
e um submarino de aço inoxidável cheio de vozes  
emergindo



na rede infinitesimal de nervos  
passam a fome e a dor  
e alguma idéia do depois

## imagens da madeira

### epigramas

i  
a nervura da tábua  
a dor na espalda  
não ouvem o pássaro  
dentro do porão

ii  
o que é do fígado  
em um barco de carne?  
raiva nas cavernas  
ao saltar sobre as ondas?

iii  
supilho amontoado no chão  
escamas e o peixe nú  
as madeiras consertadas  
dão formas a outro corpo.

iii  
masco um grão de aço  
adequado aos ouvidos  
da cantilena dos amargos  
entre o boldo e a bÍlis.

### Iv

diante do barco segura  
a cunha como farpa  
o carpinteiro sob o sol  
vê no barco um ovo.

### vi

o cego rema na bateira  
ouve água sem tragédia  
sem mais sua força emperra  
água e pés dançam a comédia.

### viii

desfeita floresta  
o homem cria com linhas  
e luz outros corpos de palavras

### v

lasca do homem no ferro  
tumulto de bichos na carne  
pé de madeira no oco  
corpo sepulto na tarde.

### vii

longe das margens  
o nariz não reconhece o lodo  
que construiu esta cidade

### viii

as cavernas do barco  
são opostos do escuro  
são livros abertos para  
abrigar a ficção humana

ix

as memórias do mar evitam  
aos homens que se transformem  
em tempo que a tudo verte nada

x

a cor nas tábuas  
cobre a beleza nua  
pele do gigante

xi

para que o vento  
possua o peso do aço  
e o barco o abraço do sopro,  
as mãos bordam o desejo de mar

xii

como esquiari sobre a madeira  
se os pés dos barcos calçam  
feixes de estopa e frestas?

xiii

dançam entre gretas os pares de fios:  
imagens sonhadas no betume  
na solidão do estaleiro no pontal

xiv

o porão abandonado  
do homem conserva histórias  
de vários pe(s)cadores.

xv

as mãos e o peso das horas  
surdas no fundo do mar  
são portas do esconso abismo

xvi

saudades do mar  
faz o barco tornar brotoejas  
seus sonhos secretos

xvii

o vento uiva sobre a gávea  
e na vela atira-se  
para dobrar o mundo

xviii

buscar no horizonte  
linha para costurar  
razão e desejo de mar

xix

sobre dormentes o barco inerte  
sob o barco o mestre mede  
o tempo de saltar no escuro  
O cabo solto, o barco sobre pernas

xx

alguns olham a luz no rio quando  
a sirene sinaliza o fim do dia  
as mãos buscam a chave de casa  
escondem o lápis atrás da orelha.

Alex Hamburger. Desde o início das suas atividades nos anos 80, teve seus interesses e preocupações voltadas para as possibilidades de fusão e entrecruzamento de linguagens, tomando a experiência poética como ponto de partida e desenvolvendo ao longo das últimas três décadas (anti)produções em poesia visual, verbal e sonora, poemas-objeto, livros de artista, etc. Publicou seis livros de poesia experimental e três cd's de poesia sonora, várias contribuições em revistas e publicações de arte no país e no exterior, e realizou no período um grande número de ações performáticas.

Aline Dias. Artista e pesquisadora. Doutoranda em Arte Contemporânea (Universidade de Coimbra, Portugal, bolsista CAPES), com pesquisa sobre a relação entre museus e arte contemporânea. Realizou Mestrado em Poéticas Visuais (UFRGS, 2009) e Bacharelado em Artes Plásticas (UDESC, 2003). Trabalhou no Museu Victor Meirelles/IBRAM (2003-7 e 2009-10). Integra a Corpo Editorial, editora independente.

Carlos Augusto Lima (Fortaleza, 1973). Publicou *Objetos* (Alpharrábio, 2002), *vinte e sete de janeiro* (Lumme, 2008), *Manual de acrobacias n.1* (Editora da Casa, 2009), *O livro da espera* (Alpharrábio, 2011), *Três poemas do lugar* (La Barca, 2011), *Alcance a graça do verso* (Edição do Autor, 2013). É doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde desenvolve pesquisa sobre as ideias de Vergonha e Testemunho nas narrativas de Antônio Lobo Antunes e J. M. Coetzee. Aprendeu a nadar há pouco tempo e promete dominar a bicicleta até a próxima década.

Claudio Parmiggiani (1943). Artista visual, poeta e ensaísta italiano. Nasceu em Luzzara e sua primeira grande mostra aconteceu em 1965, em Bolonha. Publicou o livro de artista *Atlante* (Scheiwiller, 1970, em colaboração com Nanni Balestrini e Emilio Villa), *L'arte è una scienza esatta* (Mello e Persano, 1977), *De vita solitaria* (Christian Stein, 2009, em colaboração com Pietro Citati). Nos anos 1970 realiza o primeiro Deslocamento, feito com fogo, pó e fumo: neste momento tornam-se centrais os temas da ausência e do traço. No campo literário e ensaístico publicou *Il sangue del colore* (Scheiwiller, 1988),

*Stella Sanguis Spiritus* (Pratiche, 1995, Actes Sud, 2003 e Instituto Cubano do Livro, 2007) e *Incipit* (Allemandi, 2008).

Cristiane Bouger. Desenvolve seu trabalho em performance, teatro, vídeo, poesia e escrita crítica. Seus ensaios, artigos e entrevistas foram publicados no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal. Em 2012 foi indicada na categoria Novos Críticos ao prêmio ALICE Award (Bélgica). Em 2009 recebeu o prêmio de poesia da Brazilian Endowment for the Arts, em Nova Iorque. Em 2013 integrou a antologia *Fantasma Civil* na XX Bienal Internacional de Curitiba.

Cristiano Moreira. Vive em Navegantes, SC. Filho de pescador, cultiva as imagens das riberias do Itajaí Açu. Publicou os livros de poemas *Rebojo* (Bernúncia 2005), *Calafate Míope* (Papaterra editora, 2009), *Infância do Pife* (dengodengo Cartonero, 2011) e editou outros pelo selo Papaterra. Mestre em teoria literária e doutorando na mesma área (UFSC). Professor de literatura e Gestor do projeto do Instituto Caracol desde 2010. [www.institutocaracol.org.br](http://www.institutocaracol.org.br) / [contemcultura.com.br.cristiano@institutocaracol.org.br](http://contemcultura.com.br.cristiano@institutocaracol.org.br)

Davi Pessoa Carneiro. Professor de língua e literatura italiana na UERJ, autor de *Terceira Margem: Testemunha, Tradução* (Editora da Casa, 2008) e tradutor de *A razão dos outros* (Lumme Editor, 2010), de Luigi Pirandello; *Georges Bataille, filósofo* (Edufsc, 2010), de Franco Rella e Susanna Mati; *Nudez*, de Giorgio Agamben (Autêntica, no prelo), e editor do blog: <http://traduzirfantasmas.wordpress.com/>

Eduardo Jorge (Fortaleza, 1978). Publicou *San Pedro* (2004), *Espaçaria* (2007) e *Caderno do Estudante de Luz* (2008) (ambos pela Lumme Editor, SP) e com Lucila Vilela, *Pá, pum* (Coleção Elixir, BH, 2011).

Joana Corona (1982). Vive em Curitiba-PR. Doutoranda em Teoria Literária pela UFSC, com pesquisa a partir da poética de Claudio Parmiggiani. Realizou algumas exposições individuais e participou de diversas mostras coletivas no Brasil e no exterior. Publicou o livro *crostácea* (Medusa, 2011), e organizou a publicação *rastros* (Editora da Casa, 2013), com

textos de Bitu Cassundé, Davi Pessoa Carneiro, Joana Corona e Raquel Stolf (Editora da Casa, 2013).

Júlia De Carvalho Hansen (São Paulo, 1984). Autora dos livros *cantos de estima* (Selo de Estimas e Grama, SP, 2009), *alforria blues ou Poemas do Destino do Mar* (Chão da Feira, BH, 2013) e *O túnel e o acordeom* (Não Edições, Lisboa, 2013). Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa.

Juan Laurentino Ortiz (Gualeguay, 1896 - Paraná, 1978). É considerado um dos poetas fundamentais de língua espanhola do Século XX. Ao todo escreveu onze livros de poesia que estão reunidos em duas principais antologias: *En el aura del sauce* (1970) e *Obra completa* (1996).

Karen Debértolis. Gravou o cd de poesia *A mulher das palavras* (<https://soundcloud.com/karendebertolis>) e publicou *Prosa de palavras* com ilustrações de Beto Silva (Rubra Cartonera, 2012), *A estalagem das almas* (Travessa dos Editores, 2006) em parceria com a fotógrafa Fernanda Magalhães, *Guardados* (Atrito Art, 2003) e *Calidoscópico* (Edição de autor, 1995).

Leonarda Glück. Artista e trabalha com fusão entre linguagens artísticas, tais como teatro, dança, performance art, literatura, música, artes visuais e cibernéticas, bem como com suas estreitas relações com o corpo e suas ressonâncias afetivas e é diretora teatral graduada pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

Máira Dietrich (Florianópolis, 1988). Trabalha com intersecções entre escrita e artes visuais, publicações de artista e trabalhos impressos. Coordena o selo editorial A Missão.

Mar Becker (Marceli Andresa Becker). Formada em Filosofia, cursa Especialização em Epistemologia e Metafísica na Universidade Federal da Fronteira-Sul e trabalha como professora. E-mail: [mab\\_1109@yahoo.com.br](mailto:mab_1109@yahoo.com.br).

Nina Rizzi (São Paulo, 1983). Tem poemas, textos e traduções publicados em diversas revistas, jornais, suplementos e antologias. Lançou em 2012

*tambores pra n'zinga* (Orpheu/ Ed. Multifoco). Edita a Revista *Ellenismos – Diálogos com a Arte* [<http://ellenismos.com>] e escreve seus textos literários no quandom [<http://ninaarizzi.blogspot.com>]. Atualmente traduz as Obras Completas de Alejandra Pizarnik. Os poemas acima integram seu novo livro *A Duração do Deserto*, a sair em 2014. Vive atualmente em Fortaleza.

Paulo Reis (Curitiba, 1962). Professor do Departamento de Artes da UFPR, publicou *Arte de vanguarda no Brasil: os anos 60 e O corpo na cidade - performance em Curitiba* e organizou a exposição impressa *Valparaíso*.

Ricardo Corona. Autor dos livros *Cuerpo sutil* (México, Editorial Calygramma, 2014), com tradução de Víctor Sosa, *¿Ahn?* (Madri, Poetas de Cabra, 2012 – indicado ao prêmio Ausiás March 2012), *Curare* (SP, Iluminuras, 2011 – finalista Jabuti/2012), *Amphibia* (Portugal, Cosmorama, 2009), entre outros. Traduziu *Livro deserto* (2013), de Cecilia Vicuña, e, em parceria com Joca Wolff, os livros *aA Momento de simetria* (2005) e *Máscara âmbar* (2008), de Arturo Carrera. Traduziu *Meiosems*, de Henri Michaux (a sair em 2014).

Simara Ramos (Curitiba, 1978). Artista visual, graduada em Artes Visuais pela Universidade Tuiuti do Paraná. Entre as exposições coletivas, destacam-se: *Simulacros* (Montevideu - UR, 2012 e Curitiba, 2011), *Malote Destino CWB* (Curitiba, 2012), *Autorretrato* (Curitiba, 2012), *Mudança* (Arte Urbana – Transporte Coletivo da Fundação Cultural de Curitiba, 2010), *Possíveis extensões do significado das coisas* (Curitiba, 2007), *Intervento* (Mostra de Performances – Curitiba, 2003). Realizou as exposições individuais: *Série Movimento*, na Galeria de Arte Adalice Araújo, em 2003 e *In heaven everything is fine*, no Sesc da Esquina, em 2011.

Thalita Sejanos (São Paulo, 1986). Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná, mantém sua pesquisa artística desde 2008. Entre suas principais atuações destaca-se *Véspera* (2012), projeto contemplado no Edital Bolsa Produção para Artes Visuais 5, concedido pela Fundação Cultural de Curitiba. Vive e trabalha em Curitiba.

bólide  
revista de literatura e arte  
n. 4 dezembro - janeiro - fevereiro  
2013/14  
ISSN - 2317-226008

editores  
eliana borges  
joana corona  
ricardo corona

designer gráfico  
eliana borges

designer gráfico assistente  
cauê corona

revisão  
joana corona

editora  
**medusa**

**ILUMI//URAS**

conselho editorial  
annita costa malufe  
carlos augusto lima  
cristhiano aguiar  
davi pessoa  
isabel jasinski  
raquel stolf  
roberto echavarren  
vera casa nova

distribuição nacional em livrarias  
Editora Iluminuras Ltda  
Medusa Editora e Produtora Ltda

[www.editoramedusa.com.br](http://www.editoramedusa.com.br)  
[www.iluminuras.com.br](http://www.iluminuras.com.br)  
[revistabolide@gmail.com](mailto:revistabolide@gmail.com)  
[editoramedusa@hotmail.com](mailto:editoramedusa@hotmail.com)

Av. Senador Souza Naves, 540 - casa 3  
Curitiba - PR - Brasil - CEP 80.045-190  
Caixa postal 5013 - CEP 80061-981

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 05.432 - 011

Errata: Na edição anterior, leia-se José Roberto da Silva (p. 24) e Sentimento, no título do poema de Robert Walser, traduzido por Cide Piquet, que consta no sumário.

incentivo



projeto incentivado pelo programa de apoio e incentivo à cultura do município de Curitiba

IGUAL A TODO BANCO,  
A GENTE TEM  
POLTRONAS PARA  
RECEBER OS CLIENTES.



MAS GARANTIR POLTRONAS  
EM 7 ESPAÇOS CULTURAIS E  
APOIAR A CULTURA BRASILEIRA  
É SER MAIS QUE UM BANCO.

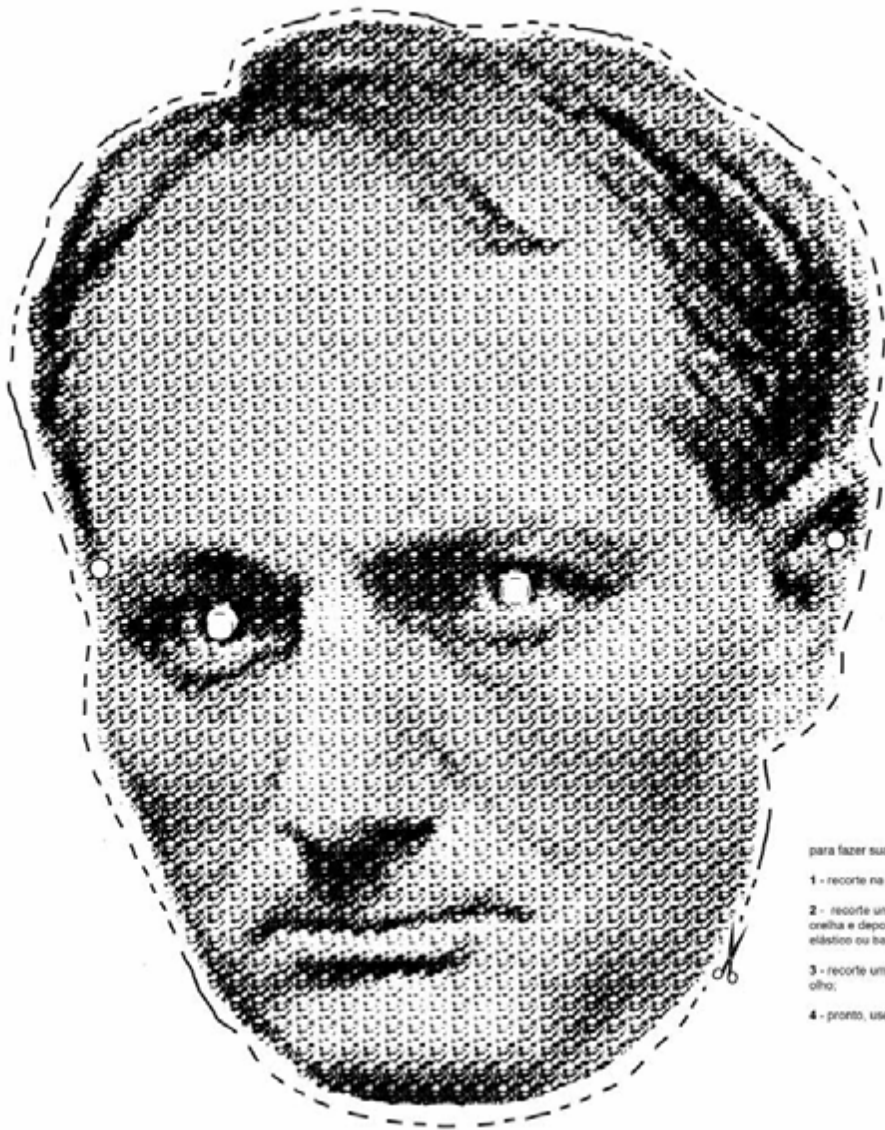
SAC CAIXA - 0800 726 0101  
(informações, reclamações, sugestões e elogios)  
Para pessoas com deficiência auditiva  
ou de fala - 0800 726 2492  
Ouvidoria - 0800 725 7474  
[caixa.gov.br](http://caixa.gov.br) | [facebook.com/caixa](https://facebook.com/caixa)



A CAIXA é o banco que mais apoia a cultura brasileira, patrocinando centenas de espetáculos regionais e nacionais todos os anos. Também é o banco que mais apoia a modernização dos museus brasileiros e a conservação de suas obras. E ainda preserva um representativo acervo de obras de arte com quase 2 mil peças.

**CAIXA** GOVERNO FEDERAL  
A vida pede mais que um banco. **BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

para a poesia, imagem é tudo



para fazer sua máscara:

- 1 - recorte na linha pontilhada;
- 2 - recorte um furo para cada orelha e depois, amasse com elástico ou barbante;
- 3 - recorte um furo para cada olho;
- 4 - pronto, use-a.

Carlos Augusto de Lima  
para a poesia, imagem é tudo  
2014